

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL

JÚLIO CÉSAR LIMA FERNANDES

**LUGARES DE MEMÓRIA E VESTÍGIOS DO CANGAÇO EM
MOSSORÓ- RN**

RECIFE – PE

2021

JÚLIO CÉSAR LIMA FERNANDES

**LUGARES DE MEMÓRIA E VESTÍGIOS DO CANGAÇO EM
MOSSORÓ- RN**

Relatório de Trabalho de Conclusão de Mestrado Profissional em História, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial de desempenho para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Flávio José Gomes Cabral

RECIFE – PE

2021

F363I Fernandes, Júlio César Lima

Lugares de memória e vestígios do cangaço em Mossoró-RN /

Júlio César Lima Fernandes, 2021.

89 f. : il.

Orientador: Flávio José Gomes Cabral

Relatório técnico (Mestrado) - Universidade Católica
de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História.
Mestrado Profissional em História, 2021.

1. Rio Grande do Norte - História. 2. Cangaceiros -
Mossoró (RN) - História . 3. Memória. 4. Turismo -
Mossoró (RN). I. Título.

CDU 981.32

Luciana Vidal - CRB4/1338

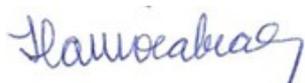
JÚLIO CÉSAR LIMA FERNANDES

**LUGARES DE MEMÓRIA E VESTÍGIOS DO CANGAÇO EM
MOSSORÓ- RN**

Relatório de Trabalho de Conclusão de Mestrado Profissional em História, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial de desempenho para a obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Flavio José Gomes Cabral (UNICAP)
(Orientador)



Profª Drª Cláudia Engler Cury (UFPB)
(Examinador Externo)



Prof. Dr. Tiago da Silva Cesar (UNICAP)
(Examinador Interno)

Muitos “senhores” souberam explorar os pobres “miseráveis”, aumentando seus poderes políticos econômicos em toda região. Os recursos parcos chegavam às mãos de quem já tinha poder. Essa realidade fez de Mossoró, juntamente com algumas regiões do Ceará, verdadeiros pólos de sofrimento, tristeza, fome e morte.

(O Autor)

AGRADECIMENTOS

A Deus, em todas as suas manifestações de bondade e caridade no mundo!

Foram tantos sujeitos que me motivaram e deram força para que este trabalho pudesse chegar até a sua conclusão, que seria impossível mencionar todos os nomes que passaram e estão presentes em minha vida acadêmica. No entanto, trago para ficarem bem registrados nessas páginas o nome de minha mãe, **Josicleide Lima Fernandes**, porque dela venho, e sou grato pela boa e sempre presente conduta materna em minha vida

Minha gratidão a todos os professores do Mestrado em História da UNICAP, especialmente ao meu querido professor e orientador **Dr. Flávio Cabral**. Este ser humano incrível foi o meu farol durante este percurso. Muito obrigado pela paciência, pelo cuidado e por todo o zelo. Ser seu orientando é uma verdadeira honra. Obrigado pelo seu sim diário ao estudo honesto e profundo da História.

Aos professores **Dr.^a Cláudia Cury** e **Dr. Tiago Cezar**. Os dois são figuras humanas inspiradoras. Levarei comigo as boas lembranças de ter feito parte de turmas conduzidas por esses mestres. Muito obrigado por estarem sempre tão solícitos durante as aulas e principalmente pelas contribuições assertivas para a escrita deste trabalho.

Por fim, agradeço ao meu grande companheiro e amigo de todas as horas **José Carlos**, sem o qual não teria nem iniciado essa jornada na UNICAP!

RESUMO

Este trabalho traz para o aprendizado coletivo questões sensíveis no contexto da valorização da memória que abarca os fatos e os acontecimentos que estão ligados à tentativa frustrada da invasão de Lampião à cidade de Mossoró – RN, no ano de 1927. Ao escolher esse fato, levamos em conta o fascínio que essas histórias produzem em várias faixas etárias e em diversas classes sociais, por tratarem de anseios que em muitos momentos estão presentes na condição humana. O binômio herói e bandido constitui um tema muito propício para o fomento da discussão sobre a violência existente entre grupos formados por quem domina a narrativa oficial e aqueles que tiveram suas vozes e memórias suprimidas. Isso nos leva a analisar e a investigar essa relação que, segundo Rui Facó (1968), é uma das preferências dos leitores e visitantes que são parte dos grupos potencialmente beneficiados com o *Roteiro Turístico das memórias do cangaço em Mossoró*. Sem contar que quaisquer que sejam os visitantes que chegarem e que queiram conhecer a cidade poderão ter em mãos, de forma estruturada ou através das mídias digitais, um suporte que fará a experiência da visita aos locais ou pontos do cangaço em Mossoró ser mais compreensiva e didática. Portanto, esta pesquisa traz um problema: a cidade de Mossoró tem potencial para oferecer, à sua população e aos seus visitantes, um roteiro turístico com vestígios do cangaço? Ao refletir sobre essa temática, conseguimos, ao final do cronograma proposto, atingir as respostas que respondem o porquê desta lacuna na cidade e, ao mesmo tempo, disponibilizou-se o roteiro turístico do cangaço na cidade. Ao trazer as pessoas do “povo” simples para o centro da discussão desta temática, faz-se um reparo histórico, em muitos momentos, fazendo contraponto ao que foi e é evidenciado pelas autoridades políticas e pela imprensa naquele contexto histórico, como apresentado em jornais e notas públicas da época.

Palavras chave: Mossoró. Cangaço. Memória. Roteiro turístico

ABSTRACT

This work brings to collective learning, sensitive issues in the context of valuing memory that encompasses the facts and events that are linked to the unsuccessful attempt to invade Lampion in the city of Mossoró - RN in 1927. When choosing this fact, we took into account the fascination that these stories produce in various age groups and social classes, as they deal with anxieties that are often present in the human condition. The binomial hero and bandit constitute a very favorable theme for fomenting the discussion about the existing violence between groups formed by those who dominate the official narrative and those who had their voices and memories suppressed. This leads us to analyze and investigate this relationship, which according to Rui Facó (1968) is one of the preferences of readers and visitors who are part of groups potentially benefiting from the Tourist Guide of memories of cangaço in Mossoró. Not to mention that, whatever visitors who arrive and who want to know the city, they will be able to have their hands on the structured form or through digital media, a support that will make the experience of visiting the sites or points of Cangaço in Mossoró, more comprehensive and didactic. Therefore, this research brought up a problem which was: Does the city of Mossoró have the potential to offer its population and its visitors a tourist itinerary with traces of cangaço? By reflecting on this theme, we managed to reach the answers at the end of the proposed schedule that answer the reason for this gap in the city and, at the same time, we were able to make the cangaço tourist itinerary available in the city. By bringing people from the simple "people" to the center of the discussion of this theme, a historical repair is made, in many moments, counterpointing what was and is evidenced by the political authorities and press of the time, presented in newspapers, and public notes of the time.

Keywords: Mossoró. Cangaço. Memory. Tourist itinerary.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Parte do norte do Brasil com destaque a capitania do Rio Grande do Norte.....	14
Figura 2 -Reconstituição da Fazenda Santa Luzia, feita pelo memorialista Raimundo Nonato, conforme o relato de Koster, em 1810.	17
Figura 3 - Planta da cidade de Mossoró em 1979.....	21
Figura 4 - Fotografia tirada na cidade de Iguatú - CE.	25
Figura 5 - Bilhete de Lampião ao Prefeito dando o ultimato ao prefeito (Intendente) de Mossoró, em 13 de Junho de 1927.	28
Figura 6 - Bilhete do Prefeito Rodolfo Fernandes respondendo ao bando de Lampião.....	29
Figura 7 - Foto do Grupo de Lampião em Limoeiro do Norte, dois dias após o ataque à Mossoró. É possível ver Lampião, Massilon, Sabino Gomes e os dois prisioneiros que são Antônio Gurgel e sua esposa Maria Rosa.....	29
Figura 8 - Foto de Mossoró em 1929.	30
Figura 9 - Mossoró em 1927 – Rua do Triunfo.....	34
Figura 10 - Massilon agachado após a invasão a cidade de Juazeiro do Norte em 15 de junho de 1927, juntamente com o grupo de Lampião, após serem expulsos de Mossoró.....	36
Figura 11 - Isaías Arruda.	37
Figura 12 - Cidade de Mossoró em 2018.	50
Figura 13 - Mapa da linha férrea de Porto Franco a Caraúbas em 1929 O trem saía de Porto Franco, hoje cidade de Grossos.	51
Figura 14 - Ponte da linha Férrea em Mossoró em 1917 e em 2021.....	53
Figura 15 - Inauguração da linha férrea e chegada do trem em 1915.	53
Figura 16 - Igreja de São Vicente em 1927 e em 2021.	54
Figura 17 - Marcas dos tiros na torre da Igreja e lateral do templo.....	55
Figura 18 - Igreja de Santa Luzia em dois momentos distintos. Em 1890 com umas das torres em construção e em 1930 com as torres construídas.....	56
Figura 19 - Prédio do ACEU. Primeiro local onde funcionou o Museu de Mossoró, entre os anos de 1948 a 1977.	61
Figura 20 - Prédio onde funcionou a antiga cadeia pública e Intendência.	62
Figura 21 - Museu de Mossoró em 2019.....	63
Figura 22 - Máquina de impressão do Jornal O Mossoroense, terceiro mais antigo em circulação do país, e edição do periódico datada de 17/10/1872.....	64

Figura 23 - Celina Guimarães votando e o Cangaceiro “Jararaca” preso antes do interrogatório.	64
Figura 24 - Sala do cangaço.	65
Figura 25 - Cemitério São Sebastião em 1928.	67
Figura 26 - Cemitério São Sebastião em 2021.	68
Figura 27 - - José Leite de Santana “Jararaca”, preso na cadeia de Mossoró.	69
Figura 28 - “Jararaca” preso e ferido na cadeia pública de Mossoró em 1927.	70
Figura 29 - Populares visitando o túmulo de Jararaca em 2020.	70
Figura 30 - Estação Ferroviária de Mossoró em 1932.	72
Figura 31 - Estação das Artes Elizeu ventania em 2017.	72
Figura 32 - Painéis com mais de 3 metros de altura no Memorial da Resistência, onde se retratam Lampião e Curisco.	75
Figura 33 - Praça da Convivência, no Corredor Cultural da Rua Rio Branco, ao lado do memorial da resistência.	75
Figura 34 - Memorial da Resistência.	75
Figura 35 - Capa do Roteiro turístico que está disponibilizado no site da prefeitura de Mossoró para download e impressão.	77
Figura 36 - Lampião em Mossoró.	77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quadro geral da população da paróquia de Santa Luzia de Mossoró do Censo de 1872.....	18
Tabela 2 – Dados sobre a produção econômica das cidades de Natal, Macau e Mossoró no ano de 1910.....	22

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico1 - População de Mossoró em 1872.....	18
Gráfico 2 - População de Mossoró em 1872.....	20

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 POVOAMENTO E EVOLUÇÃO DA CIDADE DE MOSSORÓ - RN	13
2.1 Sesmaria concedida a Antônio de Sousa Machado.....	14
3 O FLAGELO DAS SECAS E O CRESCIMENTO DA CIDADE	22
4 A CHEGADA DE LAMPIÃO	26
4.1 A relação da cidade com o cangaço	27
5 MOSSORÓ NO TEMPO DE LAMPIÃO	33
5.1 Acertos da invasão	34
6 DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	39
7 DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO.....	49
8 APRESENTAÇÃO E APLICAÇÃO DO PRODUTO	50
8.1 A ponte de Ferro sobre o rio Mossoró	50
8.2 Igreja de São Vicente	53
8.3 Catedral de Santa Luzia.....	55
8.4 Museu Lauro da Escóssia	58
8.5 Cemitério São Sebastião	65
8.6 Estação Ferroviária	72
8.7 Memorial da resistência	72
9 APLICAÇÃO DO PRODUTO	76
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
BIBLIOGRAFIA	80
ANEXOS.....	83

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelos contos e fatos que envolvem a saga de Lampião e seu grupo de cangaceiros surgiu durante a minha infância. Minha avó materna era uma grande contadora de histórias e, em muitas ocasiões, sob o brilho da lua, no terraço da casa em Mossoró, no Rio Grande do Norte, ela juntava os netos para contar aquelas belas histórias. Lembro-me de contos populares e folclóricos, também não faltavam os contos clássicos tão conhecidos na história da humanidade. Entretanto, as histórias que mais me deixavam inquieto em minhas muitas imaginações eram aquelas que falavam a respeito da invasão de Lampião a Mossoró, em 13 de junho de 1927. Mesmo de forma embrionária, por meio dessa narrativa, aconteceu o despertar inconsciente pela leitura e pela contação de histórias, e, mais ainda, o desejo de entender e descobrir a verdade dos fatos que estavam sendo cultivados dentro de mim.

Lembro-me bem que, aos nove anos de idade, ficava a ouvir por muitas horas, durante as tardes quentes de Mossoró, a minha bisavó materna que se chamava Maria Emília Isabel, mas carinhosamente atendia pelo nome de “Doninha”. Era assim que todos a chamavam. Ela gostava muito de “cafuné”¹. Em baixo da sombra das mangueiras, que havia no grande quintal da casa, era onde esses momentos de afagos e prosas se passavam.

Na periferia da cidade, precisamente no bairro Barrocas, pertinho da barragem do rio, ficava a casa de minha bisavó, situada à Rua Nilo Peçanha, no número 1308. As casas da vizinhança não tinham muros que as dividissem; assim, era comum um vizinho estar bem próximo ao outro, pela longínqua visão horizontal propiciada pela não existência de cercas e muros entre os quintais. Durante as tardes de conversas, muitas vezes se tomava café ou se assava castanhas de caju, ou se fazia um lanche, degustando alguma fruta que estivesse na safra, a exemplo de mangas, bananas e goiabas. Não faltavam as tapiocas e, no período chuvoso, as comidas de milho também se faziam presentes.

Minhas tias-avós maternas eram dadas aos trabalhos de artesanato caseiro, como bordados, tricôs e crochês, ofício que até os dias de hoje é desempenhado por algumas de minhas primas, minha irmã e até pela minha mãe. A minha avó materna, Dona Marfiza, era lavadeira de roupas e, pelas manhãs, estendia aquela grande quantidade de trajes brancos em

¹Estalido produzido com as unhas na cabeça de outrem como quem cata piolhos e ainda carícia em geral, esp. com a ponta dos dedos no couro cabeludo de outrem; afago, mimo.

um “quarador”²(era assim que ela denominava) feito de pedras. As tardes eram o momento de passar a roupa. Era usado um “ferro de engomar” que funcionava à brasa. O trabalho era cansativo: lembro-me de vê-la muito suada ou, como se diz em minha terra, com “o suor pingando”, mas muito animada, cantarolando e conversando sobre os mais variados tipos de assuntos. E entre esses assuntos não faltava toda espécie de histórias, lembranças e causos sobre a invasão de Lampião à Mossoró, no mencionado ano de 27.

Dependendo da ocasião, matava-se um porco. Lembro-me dessas mulheres que eram minha avó e as tias tratando as vísceras e usando muita água quente, fervida em grandes caldeirões. Esses ambientes eram locais de muitas conversas e histórias do passado. Vem em minha memória o delinear da fumaça produzida pela água quente ao ser derramada sobre o couro gordo do porco abatido há poucos instantes por um dos meus tios.

Dona Emília Isabel, conhecida pelo apelido de “Doninha” (minha bisavó), nascida na cidade de Pilões, na Paraíba, em 20 de junho de 1900, e que faleceu no dia 31 de janeiro de 1991, era a principal contadora. A mesma foi testemunha ocular dos fatos. Eu tinha nove anos de idade quando ela veio a falecer. Ela afirmava com muita firmeza o que contava sobre o fato de 27. Dizia que, quando Lampião invadiu a cidade, ela morava em frente à “cadeia”³, que foi o local onde ficou aprisionado o cangaceiro José Leite Santana (Jararaca). Nesse ano, ela já estava com 27 anos de idade sendo mãe de quatro filhos. Encontrava-se grávida no dia do tiroteio tão famoso. A criança em seu ventre viria a ser minha avó materna.

Dona Doninha contava tudo com tantos detalhes que parece até que eu conseguia ver o próprio Lampião. Os elementos usados na oralidade traziam um ar de perigo, pureza e ao mesmo tempo de encanto. Nunca ouvi minha bisavó “falar mal” de cangaceiro. Na verdade, seu irmão, chamado José Domingos de Lima, era um retirante que, segundo ela, também tinha se envolvido no cangaço. Ela não se aprofundava sobre as histórias do irmão, mas, sobre o fato de 13 de junho de 1927, contava o que lembrava. Por exemplo, foi dela de quem ouvi pela primeira vez que, no pátio da catedral de Santa Luzia, foi mutilado o corpo do cangaceiro Colchete, tendo sua orelha decepada e mostrada ao povo como troféu violento. Também foi da mesma que ouvi as histórias sobre os últimos momentos de Jararaca. Ela dizia que por três dias muitas pessoas iam para as grades da cadeia ver o cangaceiro preso e que, durante a noite, a polícia levou o cangaceiro e o assassinou no cemitério. Um dos policiais que aparece

²Quaradouro ou “quarador” local exposto ao sol onde as lavadeiras põem as roupas para quarar (AURÉLIO, 2015).

³ Ler o tópico “Museu Lauro da Escóssia” deste relatório.

na foto com Jararaca ela dizia que tinha aprendido a atirar no roçado de milho de seu esposo (meu bisavô José Luiz Ferreira). Também foi dela de quem ouvi pela primeira vez que Jararaca era valente e só morreu assassinado porque a polícia foi covarde.

É interessante perceber que uma mulher não letrada da época e testemunha dos fatos fazia juízo de valor em relação à conduta das autoridades mossoroenses em relação à prisão e à morte dos cangaceiros. O fato é que, aos anos que se seguiram pós-morte de Colchete e Jararaca, o cemitério São Sebastião virou local de peregrinação, atraindo muitos visitantes, curiosos e populares aos túmulos dos cangaceiros. Na minha própria família, há muita ambiguidade desses sentimentos em relação aos cangaceiros mortos e justificados em Mossoró.

Minha primeira formação acadêmica foi em filosofia, no ano de 2006. Acredito que busquei esse campo do saber por que os questionamentos produzidos pela imensidão cognitiva produzida, ao longo dos séculos pelos gregos e romanos, não deixam de ser uma verdadeira saga a ser contada em busca do conhecimento. E contar essa história é fascinante. Porém, outro desejo também foi semeado dentro de mim.

Senti-me impulsionado a realizar uma pesquisa para o meu processo de formação continuada, enquanto educador, e que contemplasse o sentido de colaboração com o núcleo urbano de onde venho, e assim poder levar os visitantes e moradores da cidade a explicar uma temática que envolve um dos fenômenos mais complexos e contraditórios do ponto de vista político, sociológico e antropológico do Nordeste brasileiro: o cangaço.

O presente relatório está dividido em pontos que procuram trazer e fazer uma abordagem histórica sobre a evolução e a formação da cidade de Mossoró. Por isso, no ponto dois deste trabalho, foi abordado o povoamento e a evolução do referido município, numa perspectiva de que, geograficamente, a região onde hoje está situada a cidade é parte da antes capitania e posteriormente província do Rio Grande, sendo uma porção de terra pleiteada e concedida ao sesmeiro Antônio de Sousa Machado, em 1757 (NASCIMENTO, 2014, p. 19).

O crescimento vertiginoso deste município acontece durante o período das grandes estiagens, que produziram na cidade um grandioso cenário de fome e desespero. Muitos armazéns foram construídos pelo governo imperial e republicano na cidade, no período que abarca os anos entre 1877 e 1920, para estocar alimentos. Assim, milhares de flagelados corriam de várias localidades para esmolar em Mossoró. Foi nesse intervalo de tempo que a cidade recebeu as construções mais importantes para estruturar as dimensões administrativas e religiosas do município.

No quarto e no quinto pontos, são explorados, para o nosso entendimento, o contexto sócio-político da cidade durante a chegada de Lampião. Isso se faz importante para que se conheça e se vislumbre o porquê de um grupo grande de cangaceiros se deslocar de tão distante até essa cidade. Autores como Pierre Nora, Rui Facò e Isabel Lustosa, entre outros, nos trouxeram uma vasta orientação para a construção de nossa discussão teórico-metodológica sobre os *Lugares de Memória* que entendemos ser o cerne desta pesquisa. Nessa ótica, o sexto ponto do nosso trabalho procura fortalecer e dar sustentação teórica às constatações que, ao longo dos dias de pesquisa, fomos inferindo e afirmando sobre a memória desses lugares tão marcados pelo sofrimento e pela agonia desse povo mestiço que foi espoliado pela maldade das elites que aumentavam seus domínios manipulando a *indústria da seca*.

Não poderíamos deixar de trazer uma reflexão sobre a exequibilidade e a aplicabilidade do produto que apresentamos (Roteiro Turístico) ao final de nossa pesquisa. Por isso, nos pontos seis e sete entendemos que seria importante discorrer sobre o formato do roteiro e a sua aplicação durante as visitas. Chegando ao oitavo ponto de nosso relatório, é possível fazer um caminho para entender cada local que compõe o roteiro das memórias do cangaço em Mossoró.

Portanto, sendo esse chão meu lugar de fala, entendo que a disseminação das memórias e dos fatos que envolvem a trajetória cangaceira nessa cidade pode contribuir com a promoção do direito que cada cidadão tem de conhecer e entender o passado para que participe de uma sociedade mais livre e humanizada, valorizadora de suas memórias, e, no presente estudo, de sua história regional.

2 POVOAMENTO E EVOLUÇÃO DA CIDADE DE MOSSORÓ - RN

O povoamento das terras que hoje formam o estado do Rio Grande do Norte aconteceu pela necessidade de se dar proteção à colônia que, ao final do século XVI, passou a gerar algum lucro com a produção de açucareira e com a criação de gado. Nesse momento, torna-se necessário prover a segurança e a proteção dos engenhos existentes na capitania de Itamaracá e Pernambuco. Ao fim do século, tiveram início as expedições de conquista que acabaram criando a capitania da Paraíba e, conseqüentemente, com o início da povoação da capitania do Rio Grande (GONÇALVES, 2007, p.19).

O desenvolvimento da capitania foi lento em relação ao Pernambuco. Não houve interesse por parte da coroa portuguesa que, em meados do século XVIII, demonstrava que seus interesses estavam mais voltados para a produção de cana de açúcar. As terras da capitania não tinham apresentado grande potencial para esse tipo de plantio, mas era necessário um monitoramento. Assim, poucas vilas e grupos de colonos surgiram até o final do século XVIII. Podemos ver que,

Com efeito, a partir de 1760, surgem as primeiras sete vilas, cinco dos quais antigos aldeamentos indígenas - Estremoz, atual Extremoz, São José do Rio Grande, atual São José de Mipibu, Arêz, Vila Flor e Portalegre - e dois núcleos de colonização branca - Vila do Príncipe, atual cidade de Caicó, e Vila da Princesa, atual cidade de Assú. Antes deles, somente a cidade do Natal, tinha foros de município. Em outras palavras, o território da Capitania, antes uma só unidade territorial, estava se subdividindo, do ponto de vista administrativo, em ribeiras e em municípios, fruto de um lento e precário processo de urbanização do território, que será mais intenso, porém, nos séculos XIX e XX. Outra mudança administrativa importante é que a Capitania do Rio Grande, antes subordinada ao governo central da Bahia, ficou, a partir de 1701, subordinada à Capitania de Pernambuco, e assim permanecerá durante todo o século XVIII, tornando-se independente somente em 1817 (Dossiê Rio Grande do Norte, 2017, p.10).

O grande “desertão”, como fora denominado a grande faixa de terra que compreende todo o semiárido nordestino, era quase que totalmente desconhecido pelos colonizadores até meados do século XVIII. O bioma “caatinga”, que é endêmico do Brasil, teve seu povoamento, no período colonial, implementado de forma muito lenta. A região onde está localizada a cidade de Mossoró, apesar de estar a apenas 35 km do mar (cidade de Tibau), apresenta uma vegetação eminentemente semideserta, tendo poucas precipitações pluviais durante o ano.

200 moradores. O Inglês Henry Koster relata, na obra viagem ao interior do Nordeste do Brasil, que, em 1810, depois de sair da Vila da Princesa, hoje a atual cidade de Assú, e passar por alguns riachos e rios, chegaram ao arraial de Santa Luiza. Ele diz que, em 7 de dezembro, às dez horas da manhã, chegaram ao arraial de Santa Luzia, que constava de duzentos ou trezentos habitantes. Foi edificado em quadrângulo, tendo uma igreja e casas pequenas e baixas (KOSTER, 1940, p.265).

Na sequência, o mesmo já nos aponta o tipo de mercadoria que poderia ser encontrada no arraial, afirmando o que seria no seu entendimento a rapadura: “são tijolos de açúcar escuro ou de mel, fervido até suficiente consistência ao esfriar, tornando-se, desta maneira, mais portáteis e menos sujeitos a liquefazer-se durante o transporte” (KOSTER, 1940, p.265). Faz-se importante dizer que o citado viajante inglês deixou a Europa no dia 2 de novembro de 1809 e chegou à cidade do Recife em 7 de dezembro. Viajou ao Brasil em busca de novos ares. Queria melhorar o seu estado de saúde que era bastante delicado, pois sofrera de problemas respiratórios.

O inglês andarilho falava o português com fluência, o que fazia com que algumas pessoas duvidassem da sua nacionalidade inglesa, tratando-o popularmente pelo nome de Henrique da Costa. Permaneceu em Recife por um tempo e, a partir de lá, realizou várias viagens pelo interior do Nordeste, indo da Paraíba, passando pelo Rio Grande do Norte, por Ceará, Piauí até ao Maranhão. Essa experiência lhe permitiu ter contato com diversos sujeitos sociais (CARVALHO, 2015, p. 8).

O viajante narra elementos da vida cotidiana da pequena e pacata localidade. O que esse povo produzia e cassava nos mostra ainda aspectos da fauna e do tipo de vegetação que era possível ser encontrada às margens do rio Mossoró. Ainda se observa o quanto era difícil a comunicação com a capitania do Pernambuco, a quem o Rio Grande estava subordinado até 1817.

No dia seguinte a nossa chegada à S. Luzia, descansamos o meio-dia sob umas árvores, junto de uma casinha. Notei uma pele de jaguar, a onça pintada, na linguagem da região, esticada sobre varetas de pau. Parecia ainda fresca. Entretendo conversa com o dono da casa, disse-me ele ter morto o animal a quem pertencia a pele, um dia antes, ajudado por três cães. Fazia grande devastação, especialmente entre as ovelhas, escapando sempre e nunca aparecendo no mesmo local duas vezes sucessivas. Nesse dia tínhamos passado o leito seco do Panema. Era o terceiro rio que atravessa desde nossa partida do Assú e todos nas mesmas condições. Santa Luzia está situada na margem setentrional do rio sem água, num terreno arenoso.

Repousamos o meio-dia: sob o teto de uma cabana ínfima. Ao centro, as cinzas de um fogo morto, um banco feito de galhos entrelaçados, eram os indícios de que fôra habitada. Muitos dos moradores da povoação vieram perguntar-me por notícias de Pernambuco. (KOSTER, 1940, p.266).

Interessante perceber que esse povo simples que vivia da pesca e caça e que acercava com curiosidade um viajante vindo de Pernambuco, é o grupo que dá origem a formação desse pequeno povoamento por nome de “Santa Luzia”. Provavelmente esses já eram descendentes de índios ou negros escravizados ou pequenos agricultores e vaqueiros. Gente simples que queria notícia de algum parente ou até mesmo informações dos locais e povoações por onde o estrangeiro andarilho passava ou pernoitava.

Segundo o historiador Geraldo Maia do Nascimento, a cidade de Mossoró surge a partir de um pequeno arraial que se situava à margem direita do rio Apodi/Mossoró. Era uma pequena fazenda que servia para criação de caprinos e bovinos. O local serviu como ponto de apoio e descanso para os criadores e vaqueiros. É em 1772 que, após a construção da capela de Santa Luzia, o pequeno lugar começa a ganhar os primeiros contornos do que se tornaria o segundo maior município em número de habitantes e o primeiro geograficamente do Rio Grande do Norte nos dias de hoje. Nesse sentido,

[...] é dito e aceito que a cidade de Mossoró começou ao redor de uma pequena capela que foi erguida na fazenda Santa Luzia, de propriedade do Sargento-Mor Antônio de Souza Machado. A construção da referida capela deveu-se ao cumprimento de promessa feita pela esposa do Sargento-Mor, dona Rosa Fernandes. Para tanto, os proprietários da Santa Luzia requereram ao visitador diocesano de Olinda, Padre Inácio de Araújo Gondim, de passagem por Aracati/CE, autorização para erguer a referida capela, tendo sua petição atendida em 05 de agosto de 1772. (NASCIMENTO, 2015, p.24).

Estudos de Raimundo Nonato, olhando Koster, produziram uma reconstituição, provavelmente não fidedigna do arraial, em 1772, que era a fazenda Santa Luzia. Esta, somente após os primeiros anos do século XIX, passa a ser chamada de Mossoró.

Figura 2 -Reconstituição da Fazenda Santa Luzia, feita pelo memorialista Raimundo Nonato, conforme o relato de Koster, em 1810.



Fonte: Nonato (1972, p.14).

O povoado de Santa Luzia passa a receber esse nome em homenagem à santa padroeira dos olhos⁵ e, posteriormente, vai sendo chamada popularmente apenas pelo mesmo nome que foi dado ao rio. Essa região que beirava o curso d'água também era chamada de ribeira do Mossoró⁶. A região passa a se desenvolver economicamente pela fartura de sal marinho, plantações de algodão e pelo beneficiamento da cera de carnaúba, árvore que se encontrava com fartura por toda extensão da ribeira. Além disso, a rota que liga o litoral da Costa Branca⁷ ao alto-oeste, indo até a divisa com a província da Paraíba, tem em Mossoró seu principal centro econômico e financeiro.

Os negócios vultosos não precisavam mais ser feitos em Fortaleza, Natal ou Recife. A antiga vila de Santa Luzia já conseguia suprir essas necessidades exigidas pelo mercado. Após 80 anos da construção da pequena capela de taipa, Mossoró, agora município emancipado de Assú, em 15 de março de 1852, passa a ser o conglomerado urbano mais importante do oeste da província do Rio Grande do Norte. Alguns documentos, como inventários que foram registrados no cartório da cidade, trazem para o nosso entendimento o potencial econômico da

⁵ Dentro da devoção popular católica acredita-se que Santa Luzia ou Lúcia (na Itália) que viveu em Siracusa no século III D.C é invocada para proteção dos olhos. Segundo a tradição católica, a jovem foi martirizada e teve seus olhos arrancados por seus algozes a mando do imperador Caio Valério Deocleciano. (MONDIM, P. 114. 1995).

⁶ Área geográfica que se inicia próximo a atual cidade Grossos e vai até a cidade de Apodi, sempre próxima as margens do Rio Mossoró.

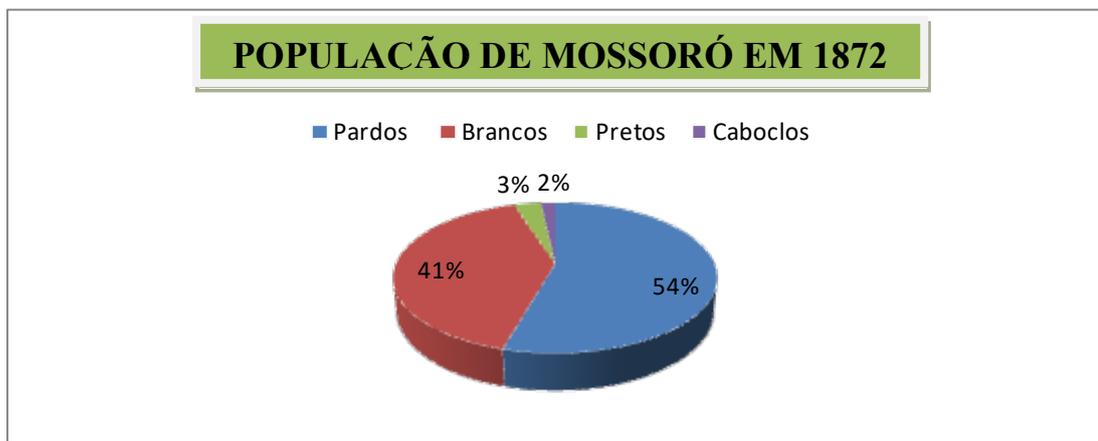
⁷ Região Costeira, banhada pelo oceano atlântico que passou a produzir sal marinho em abundância para todo o Brasil e para várias partes do mundo.

A tabela 1 e o gráfico 1 trazem números interessantes que nos ajudam na compreensão da formação populacional naquele momento. A quantidade de homens e mulheres livres somam mais de 90% das almas da paróquia. A quantidade de homens a mais que mulheres também chama a atenção. Os caboclos, que são os descendentes de índios, provavelmente tapuyas ou cariris, formam a minoria, juntamente com os escravizados.

A cidade atrai um considerável número de comerciantes, entre eles alguns estrangeiros. Muitos armazéns foram construídos na cidade para que mercadorias e alimentos fossem guardados para o comércio ou mesmo para a distribuição durante as duras estiagens do período não chuvoso. A tabela mencionada traz dados interessantes sobre a antiga fazenda de Santa Luzia, agora cidade de Mossoró. A cidade estava cada vez mais atraindo moradores. No entanto, mudança no escopo de justiça social não estava acontecendo. Era grande a fome e, conseqüentemente, o número de mortes diárias se tornava uma preocupação. No tópico sobre o cemitério São Sebastião, voltaremos a tocar nesse ponto que envolve o sofrimento, a morte e o desespero dos retirantes da seca.

No censo de 1872, também são apresentados os dados sobre o analfabetismo na cidade. Consta-se que uma pequena parcela dos mossoroenses tem acesso a ir até a escola. Pelo contexto da época, já sabemos muito bem quem eram esses agraciados com o acesso às letras.

Gráfico 2 - População de Mossoró em 1872



Fonte: Censo de 1872 – IBGE.

O gráfico 2 nos dá o possível entendimento de como a população da cidade de Mossoró estava formada. Essa era a composição étnica da cidade há 150 anos. Negros e índios, apesar de escravizados, eram parte importante da constituição desse grupo

demográfico. E são justamente essas pessoas que serão os espoliados, juntamente com os retirantes, pelos coronéis, donos de armazéns e pela própria igreja católica. Eles usam a mão de obra suada e barata na construção dos locais que compõe o roteiro turístico que será disponibilizado ao final desta pesquisa.

Uma região que em menos de 200 anos era quase que totalmente habitada por índios Tapuyas e Cariris (CASCUDO, 1979, p. 98) agora conta apenas com um pouco mais de 300 caboclos (descendentes de indígenas). Na verdade, essas vidas humanas foram dizimadas no processo cruel de colonização do grande “desertão” que Mossoró faz parte. Os filhos dessa gente sofrida agora são contados no primeiro censo como “caboclos”. No entanto, eles vão ser os resistentes das secas que vão dar origem ao retirante, ao vaqueiro, ao sertanejo e, conseqüentemente, ao cangaceiro.

A paróquia de Santa Luzia apresentava uma população inferior em relação à capital. No entanto, já era possível perceber um emergente fluxo de pessoas. O comércio já demonstrava fôlego e atraía comerciantes estrangeiros. Vejamos que, “a partir de 1868, e ao longo dos anos 70, é significativo o número de comerciantes estrangeiros com firmas comerciais instalados na cidade, todas com atividades e de porte econômico semelhante a Casa Mossoró & Cia, de Joaquim da Cunha Freire” (ROCHA, 1988, p.36).

Em 1879, sete anos após o primeiro recenseamento demográfico do Brasil, que foi feito com coletas de bancos de dados existentes nas paróquias (vale salientar que o catolicismo era a religião oficial do império), o governo do Rio Grande do Norte apresenta ao império a planta simples da cidade de Mossoró. Na demonstração desse pequeno núcleo urbano, são destacadas algumas construções, entendidas como essenciais para organização social naquele período histórico: Igreja de Santa Luzia, Mercado, casa da Câmara/Cadeia, Hospital, Cemitério, e ainda há menção à existência do telégrafo. É importante fazer a pergunta: quem construiu todos esses locais, que massas trabalhadoras foram responsáveis por levantar essas paredes? Foram os pobres e excluídos, aqueles que em muitos momentos são esquecidos e silenciados. *A Escola dos Anais* nos faz ver e nos instiga com a *Nova História* a ouvir essas vozes silenciadas para tornar a história lúcida e coesa. Os Anais nos movem para ouvir o grito sinalizado por aqueles que foram renegados e sufocados, mas que estão e sempre estiveram ali presentes e que, sem eles e suas vozes, a lacuna permanente da história seria maior e mais obscura. Esse povo é a viga mestra da localidade

Figura 3 - Planta da cidade de Mossoró em 1879.

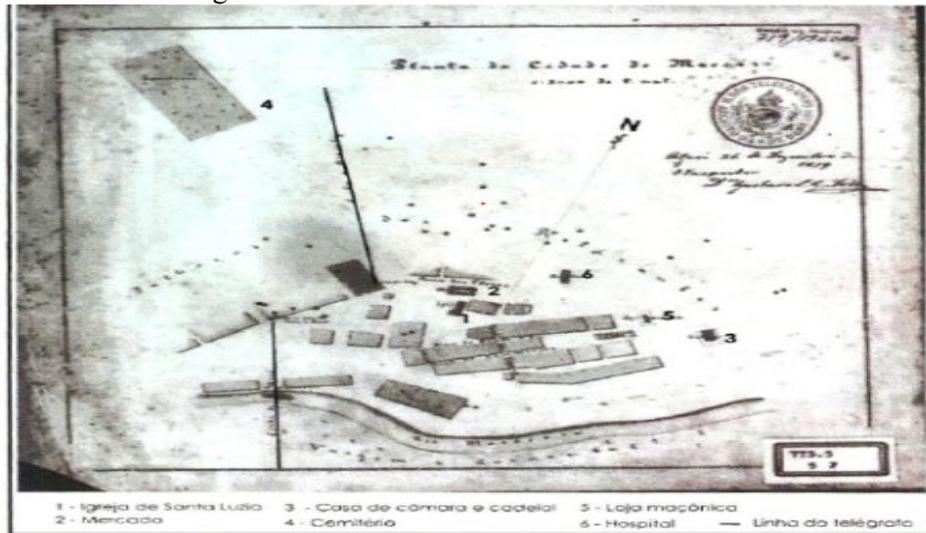


Figura 2 – A planta da cidade de Mossoró, 1879.
 Fonte: AMRJ. MACOP-DA 99/2 2. Planta da cidade de Mossoró/ dr. Gustavo L. G. Dodt, inspetor. Esc. Original 1: 500 – Assu (RN). [s.n], 26/12/1879. 1 planta MS. Color.; 29 x 29 cm. Rep. Geral dos telégrafos. Arquivos da Secretária de Desenhos. In: TEIXEIRA, Rubemilson Brazão. *Da Cidade de Deus à cidade dos homens: a secularização do uso, da forma e da função urbana*. Natal/RN: EDUFRRN, 2009, p. 532.

Fonte: AMRJ. MACOP-DA 99/22 – NATAL/RN EDUFRRN. (2009, p.532).

A localização da cidade de Mossoró entre duas capitais (Fortaleza e Natal), e também sua proximidade à cidade de Aracati, no estado do Ceará, foram fatores que proporcionaram o crescimento populacional no final do século XIX. O porto da cidade de Areia Branca, antes distrito, foi outro divisor de águas. Isso porque toda a mercadoria que chegava do exterior ou mesmo dos portos de Recife e Rio de Janeiro, e que tinham destino ao interior do Ceará, do Rio Grande do Norte e do sertão da Paraíba, precisava passar pela cidade. Na tabela a seguir, é possível ver que o porto do município era o que mais exportava em todo o estado e muitos trabalhadores movimentavam essa economia. O povo simples mais uma vez aparece nas fazendas de algodão e nas salinas para sustentar o ciclo de crescimento econômico experimentado na cidade. Koster nos afirma que esse povo simples se alimentava de farinha e rapadura há 100 anos e, um século depois, não parece ter mudado muita coisa. Nas salinas e lavouras, os trabalhadores certamente não comiam carne e boa comida. Viviam no sofrimento diário sob um sol causticante e uma dieta incompleta.

Tabela 2 – Dados sobre a produção econômica das cidades de Natal, Macau e Mossoró no ano de 1910.

Quadro 01 - Exportações de Algodão e Sal dos portos de Natal, Macau e Mossoró (1910)

PORTO	PRODUTO	EXPORTAÇÃO (kg)
Natal	Sal	2.445.860
	Algodão	4.233.450
Macau	Sal	16.733.566
	Algodão	2.067.008
Mossoró	Sal	69.729.246
	Algodão	4.089.568

Fonte: Relatório dos Presidentes dos Estados Brasileiros (RN), 1911. Nota: Elaborado pelos autores

Pela referida tabela, demonstra-se que, no ano de 1911, a cidade despontava como grande produtora de sal marinho. A quantidade chega a ser mais de vezes a Macau-RN naquele ano. Toda essa produção era beneficiada para consumo humano nos armazéns, fazendo com que grande circulação de dinheiro fosse farta neste núcleo urbano. Vê-se então que muita produção de farinha, sal, rapadura e carne de charque foi incentivada aos arredores do município a ponto dos comerciantes de Pernambuco e Paraíba pedirem ao governo da província pernambucana o boicote à produção de carne seca no município, e que de fato foi proibida. Entretanto, a cidade seguiu com o forte beneficiamento do algodão, cera de carnaúba e sal marinho.

Mesmo com o ciclo das secas, a cidade demonstra sinais sólidos de crescimento. Nessa ótica, Francisco Fausto de Sousa, em sua dissertação nos traz as seguintes conclusões: “O comércio de Mossoró, pois não obstante as repetidas secas, a datar de 1868 para cá continua sempre animado podendo dizer-se que esta cidade comercialmente falando é a primeira do Estado (GONÇALVES, 2003, p.178). O pequeno município à beira do rio Mossoró, antes conhecido apenas como “Santa Luzia”, começa a desfrutar dos ares do progresso. No entanto, nada do que até então fora vivenciado de auguras seria comparado ao que se sucederia nos anos de 1877 em diante.

30 FLAGELO DAS SECAS E O CRESCIMENTO DA CIDADE

Farta bibliografia tem confirmado a veracidade das memórias e imagens que as secas produziram para a formação da identidade do povo sertanejo. Entre os anos de 1877 e 1879, o flagelo do sofrimento advindo da forte estiagem que castigou tanto a região que muitos viram na cidade um local para se conseguir não morrer de fome. Então, pessoas que viviam em fazendas de gado no oeste do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba, passaram a migrar para

terras mossoroenses, para tentar sobreviver na cidade, que naquele momento era o centro de distribuição de mercadorias para o interior oeste da província. A cidade recebe entre os anos de 1877 a 1917, ou seja, num período de 40 anos, mais de 50 mil retirantes. Os relatos das autoridades e as memórias registradas são impressionantes. As comissões⁹ de combate aos problemas das secas foram criadas na cidade.

A situação era tão desesperadora que muitos retirantes para não morrerem de fome, tiveram que prestar serviços nas frentes de trabalho em troca de comida ou poucos salários. Entre os membros, estavam o presidente da intendência, o juiz de direito Felipe Guerra e Dr. Almeida Castro. A comissão de combate a seca organizou diversas turmas de trabalhadores entre o pessoal ainda com alguma relativa aptidão para trabalhos leves, e fazendo distribuição de esmolas a incapazes, velhos, crianças, mulheres. Seria um meio de manter certa disciplina e organização, com insignificantes e miseráveis salários, o que em última análise não era mais do que uma disfarçada distribuição de esmolas. Assim foi feito, recomendou-se aos chefes de turmas não serem exigentes nos serviços dos operários, alguns desses pediam para levar os meninos, filhos, para ajudá-los nos trabalhos, evitando que ficassem “soltos”, vagando pelas ruas. Às mulheres eram distribuídas pequenas esmolas.

Essa população toda passou dias de completa subalimentação, ou o mesmo que fome, com salários que não eram superiores àquele referido pelo governador do Ceará, e do qual já fizemos menção, isto é, mil réis, ou em alguns dias oitocentos réis. E isso em época de gêneros caríssimos: “Muitos desses "operários" faziam seu almoço no lugar do trabalho, pondo a ferver água em uma lata qualquer, na qual era adicionado um pouco de banha, e com um pouco de farinha preparavam um pirão, que era engolido com pequeno pedaço de rapadura ou algumas gramas de açúcar bruto (GUERRA, 1985, p. 27).

O Período que compreende os anos de 1877, 1903 e 1917 é onde se verifica o maior aumento populacional de Mossoró. A afluência de milhares de retirantes chega para desespero de muitos pobres moradores que já não tinham quase nada. No entanto, muitos “senhores”, souberam explorar os pobres “miseráveis”, aumentando seus poderes políticos econômicos em toda região. Os recursos poucos chegavam às mãos de quem já tinha poder. Essa realidade fez de Mossoró, juntamente com algumas regiões do Ceará, verdadeiros polos de sofrimento, tristeza, fome e morte. Vejamos que, no pátio do colégio diocesano, o padre Barreto

⁹ O poder público organizou comissões que ficaram na incumbência de gerir os recursos financeiros e os gêneros alimentícios enviados pelos governos provinciais e imperial. MARCIEL, (2013, p. 27)

organizava as esmolas e prestava conta posteriormente a intendência do que fora gasto diariamente. Portanto,

[...] a própria área interna e descoberta do Colégio, tornavam-se instrumentos para essa tentativa de organização dos sujeitos no espaço urbano mossoroense. Na crônica de Felipe Guerra também encontramos referências sobre a utilização do Colégio, que parecia ser usado exclusivamente para a distribuição de esmolas e pagamentos aos trabalhadores. Quanto à distribuição das esmolas dos dias 23 e 24 de dezembro de 1915 [...] (ROSADO, 1985, p. 28).

É justamente esse povo pobre, flagelado e morto de fome que é usado para erguer as construções mais importantes da cidade, a exemplo de igrejas, linha férrea, estação ferroviária, intendência, cadeia pública e cemitério. São esses sujeitos históricos que estarão presentes e acompanharão a chegada de Lampião a Mossoró. Oficialmente, eles não eram ouvidos e não puderam dar suas versões naquele momento. No entanto, as marcas deste povo tão espoliado foram deixadas nessas construções e, mais ainda, na narrativa popular que se criou e passou a ser tão robusta e divulgada muito mais apreciada por estes populares, que foi a prisão, a entrevista, a morte e o pós-morte de Jararaca.

Os dados a seguir trazem o demonstrativo da distribuição de esmolas em frente ao colégio diocesano que estava situado ao lado da Igreja Matriz de Santa Luzia. No dia 23 de dezembro 1915, foram distribuídas esmolas no colégio para 170 mulheres e 73 homens, no total de 441\$200 réis. Entre esmolas avulsas, dietas e dinheiro para remédio, foram mais 480\$ reis em apenas um dia. Esta semana de sofrimento era ordinária na cidade e o padre procurava prestar contas diariamente à intendência. Somente recebiam essas ajudas/esmolas mulheres ou quem era considerado inválido: “Muitas crianças já acompanhavam seus pais para receber um bocado de farinha ao fim da tarde” (ROSADO, 1985, p. 28).

Como não temos imagens dos retirantes na cidade de Mossoró, trazemos uma fotografia na figura 4, tirada no Ceará, na cidade de Iguatú. A foto pode nos dar uma noção visual de como a multidão de pobres retirantes procuravam as estações de trem para saírem em busca de uma possibilidade de sobrevivência. É possível que, na cidade, multidões se aglomerassem em frente ao colégio, à igreja e à intendência em busca de alimentos. Vemos então que, em determinado dia, mais de mil mulheres e cerca de cem homens (pode ser que sejam inválidos) tenham recebido esmolas no fim de dezembro de 1915, valor procedente dos recursos enviados pelo governo. A distribuição “era feita pela manhã, no pátio do ‘Colégio

Santa Luzia' para tal fim, cedido pelo diretor. "Continuaram esmolas para casos urgentes, para enterros, mortalidades, etc." (ROSADO, 1985, p. 29). Assim, o colégio aglutinava ao mesmo tempo tanto as mulheres e homens que não poderiam trabalhar como os operários dos serviços públicos da cidade de Mossoró. Sobre esses últimos, pode-se destacar:

O pagamento do pessoal do trabalho era feito diariamente, entre as 16 e 18 horas, no Colégio. O pessoal trabalhava dividido em turmas de 20 a 30 homens, cada turma dirigida por um chefe. Na hora do pagamento cada chefe fazia a chamada da sua turma, que era então paga por indivíduo. E assim foram distribuídos os minguados vinte contos. (ROSADO, 1985, p. 30).

Figura 4 - Fotografia tirada na cidade de Iguatú - CE.



Fonte: Kênia Sousa Rios/Acervo Pessoal (Jornal o Norte, 1919)

4 A CHEGADA DE LAMPIÃO

No dia 13 de junho de 1927, o estado do Rio Grande do Norte se torna palco de um dos mais importantes acontecimentos dentro da história do cangaço. Estamos falando da tentativa frustrada de vários grupos de cangaceiros, comandados por Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, de entrar e render a cidade de Mossoró.

Como se sabe, pela vasta bibliografia que temos, Lampião é o cangaceiro mais famoso da história do cangaço. Sua biografia até hoje é pesquisada e contada em muitos locais no Nordeste do Brasil. Frederico Pernambucano Melo (2012, p. 86) conta que o cangaço, após Lampião, tornou-se o fenômeno social mais estudado e pesquisado no Brasil.

Segundo o censo demográfico, em 1927¹⁰, viviam em Mossoró 22 mil habitantes, cidade com número bem acima da média dos outros conglomerados humanos e rurais e aglomerações urbanas atacadas ou invadidas por cangaceiros. Nesse período histórico, o município já contava com linha férrea que unia seus habitantes à cidade de Areia Branca – RN (Porto Franco) e a São Sebastião, hoje Governador Dix-Sept Rosado - RN, bem como o projeto de ligação ao município de Sousa, no vizinho estado da Paraíba, seguia firme. Além desses sinais de desenvolvimento, já se encontrava instalada na cidade a agência 0036 do Banco do Brasil. Contava também com fábricas de beneficiamento da cera de carnaúba e escritórios onde se negociava o sal marinho, vindo das vastas salinas existentes no litoral no norte do estado.

Também já se podia encontrar na cidade acesso ao lazer, principalmente a possibilidade de torcer por dois clubes futebolísticos que movimentavam os bares e botecos da época. Os times eram o Ipiranga e o Humaitá¹¹. E foi justamente na véspera do dia 13 de junho que esses dois times jogaram em partida. Após o jogo, os torcedores foram festejar a vitória do Ipiranga. Era dia de Santo Antônio, e preocupação alguma havia. Na verdade, não se acreditava que os cangaceiros teriam tamanha ousadia para quererem invadir a cidade. Podemos dizer que,

¹⁰ Em 1872, a Paróquia de Santa Luzia apresentava uma população de 2.800 moradores. (recenseamento de 1972, Site IBGE). No ano de 1920, a população da cidade de Mossoró era de 21.675 moradores. (IBGE, 1920). Segundo Geraldo Maia (2015, p.21), a cidade estava com aproximadamente 22.000 habitantes em 13 de junho de 1927.

¹¹ Segundo a tradição, no dia do ataque dos cangaceiros a Mossoró, estava havendo uma comemoração pela ocasião da vitória do time do Ipiranga sobre o Humaitá. Esse dado pode ser conferido no texto do espetáculo “Chuva de Balas do país de Mossoró” (2017).

Mossoró era uma das mais prósperas cidades do Rio Grande do Norte. O coronel Rodolfo Fernandes, o prefeito, já havia alertado, nos últimos dias, sobre o perigo do ataque do rei do cangaço ao município. A maioria dos habitantes, no entanto, parecia não acreditar. Tudo estava tão tranquilo que, no mesmo 12 de junho, Mossoró parecia mais preocupada com o clássico entre os times de futebol do Ipiranga e Humaitá do que com a possível chegada de Lampião às suas cercanias. (MELO, 2019, p.38).

4.1 A relação da cidade com o cangaço

O cangaço era conhecido pela sua fama de levar consigo a valentia de bandoleiros e sanguinários homens, porém a cidade de Mossoró nunca esteve, até então, na rota de saques e invasões por esses grupos. Isso se deu primeiramente porque o padrão dos pequenos lugares, vilas e distritos atacados por esses grupos, era bem diferente do que Mossoró já se apresentava, e pela possível resistência que os munícipes poderiam promover. Tanto é que, ao se aproximar de Mossoró, Virgulino envia uma carta pedindo o dinheiro. Se fosse atendido, não atacaria a cidade. A professora Isabel Lustosa registra que,

Quando chegaram às imediações de Mossoró, pouco antes do meio dia, Lampião mandou que Gurgel, o refém, escrevesse ao chefe político da cidade exigindo 400 contos de réis sob pena de ver sua cidade saqueada e queimada. A população de Mossoró estava preparada para reagir. (LUSTOSA, 2011, p.70).

Lampião, antes de invadir a zona urbana da cidade, envia um bilhete ao prefeito. Podemos vê-lo na figura 5. O escrito é caracterizado pela ameaça e pelo pedido de urgência. Já na figura 6, temos a resposta do prefeito a Virgulino. Como o Coronel Antônio Gurgel do Amaral e sua esposa Maria Rosa estavam aprisionados pelo grupo de cangaceiros, é ao tal prisioneiro que o prefeito responde. Na resposta, Rodolfo parece estar seguro de que venceria os invasores naquele dia.

Figura 5 - Bilhete de Lampião ao Prefeito dando o ultimato ao prefeito (Intendente) de Mossoró, em 13 de junho de 1927.

Capitão Virgulino-Tarciso (Lampião)

Gen. Rodolfo.

Estando eu até aqui
pretendo entrar já foi um
aviso, ali por os senhoris.
se por acaso resolver me
a mandar, será a importância
que eu pedi. Eu evito
de entrar ali parece não
vindo esta importância eu
entrarei, até ali penso que
querer eu entro e vai haver
muito estrago, por isto se vir
o dinheiro eu não entro, ali mas
me responde logo.

Capitão Lampião

Fonte: Acervo do Museu Lauro da Escóssia¹².

Transcrição do bilhete de Lampião ao prefeito Rodolfo Fernandes.

“Coronel Rodolfo”

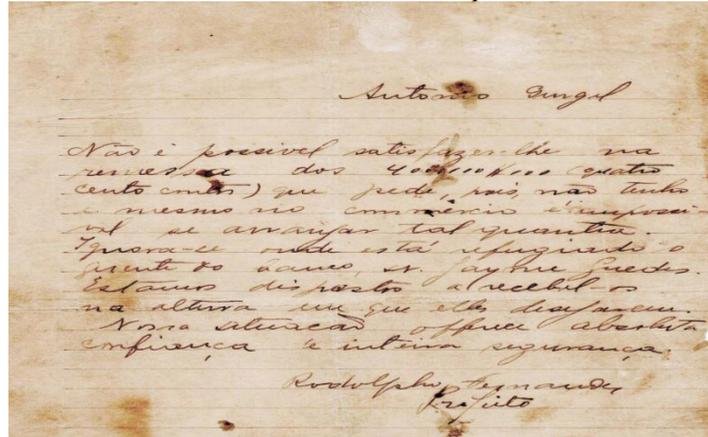
Estando eu até aqui pretendo entrar. Veja que já foi um aviso para vossa senhoria. Se por acaso resolver mandar, será a importância que vos pedi, eu evito entrar. E porém não vindo esta importância eu entrarei, até aqui penso que a Deus querer eu entro e vai haver muito estrago, por isto se vir o dinheiro eu não entro aí, mas me responda logo.

Capitão Lampião

O prefeito responde a Antônio Gurgel que estava refém de Lampião, dizendo que não tinha o dinheiro e que se o bando quisesse atacar iria encontrar resistência na cidade. Após o fracasso da investida à cidade de Mossoró, Lampião e seu grupo são recebidos em Limoeiro do Norte. Na cidade cearense, a cerca de 80 km de distância de Mossoró, Virgulino se deixa fotografar e faz exposição de armamento e do próprio casal sequestrado em Mossoró, Antônio Gurgel e Maria Rosa, que só seriam soltos próximo à cidade Missão Velha, também no Ceará, mediante pagamento do resgate feito pela família desses reféns. Não obtendo sucesso na tentativa de invasão, o bando ainda teve duas baixas: as mortes de Jararaca e Colchete.

¹² ESCÓSSIA, Lauro da. Acervo do Museu: Fotos de Manuelito. Mossoró. Visitas entre 22 set. 2020 a 08 jun. 2021.

Figura 6 - Bilhete do Prefeito Rodolfo Fernandes respondendo ao bando de Lampião.



Fonte: Acervo do Museu Lauro da Escóssia.

Transcrição do Bilhete de Rodolfo Fernandes ao refém Antônio Gurgel

Antônio Gurgel,

Não é possível satisfazer-lhe na remessa dos 400 contos que pediu, pois não tenho e mesmo no comércio é impossível encontrar tal quantia. Ignora-se onde está refugiado o gerente do banco, o senhor Jayme Guedes. Estamos dispostos a recebê-los a altura que eles desejarem. Nossa situação oferece absoluta confiança e inteira segurança.

*Rodolfo Fernandes
Prefeito*

Figura 7- Foto do Grupo de Lampião em Limoeiro do Norte, dois dias após o ataque à Mossoró. É possível ver Lampião, Massilon, Sabino Gomes e os dois prisioneiros que são Antônio Gurgel e sua esposa Maria Rosa.



Fonte: Acervo do Museu Lauro da Escóssia.

A figura 8 traz parte da cidade construída pelos retirantes e que foi encontrada pelo grupo de cangaceiros. Vemos nela a praça da igreja matriz de Santa Luzia, marco zero da cidade e, ao lado esquerdo, parte do prédio onde funcionava o colégio diocesano, em que

eram distribuídas as esmolas nos períodos de estiagem. Ao fundo, vemos a capela do sagrado coração de Jesus. O centro do núcleo urbano estava repleto de casarões e armazéns. A fotografia foi feita 2 anos após o conflito.

Figura 8 - Foto de Mossoró em 1929.



Fonte: Acervo do Museu Lauro da Escóssia.

Pensar na conjuntura que levou a formar as variadas faces existentes na perspectiva de entender o cangaço é sem sombra de dúvida trazer para a luz do entendimento o *modus operandi* da relação profunda existente entre coronéis e cangaceiros. *A priori*, devemos pensar e elucidar que o contexto político em que está inserido o sertão é da quase total ausência das forças estatais. Aqui, temos um Brasil do abandono e dos abandonados, onde homens e mulheres sobrevivem em meio à dependência econômica e sob o rígido chicote de senhores que ainda estavam sob a dita normalidade de uma sociedade escravista. Portanto, “O banditismo se configurava para essas pessoas como a única oportunidade de se fazer justiça e de fugir da precariedade e da miséria a que estavam condenadas por uma sociedade marcada pela desigualdade” (PAIZANTE, 2015, p.42),

No entanto, as práticas de humilhação e dominação estavam apenas, a partir de agora, ganhando uma nova faceta, porém a segregação e a dominação continuavam as mesmas. Com a distância das forças estatais, os coronéis se viam na necessidade de contratar jagunços que pudessem proteger suas propriedades e também, vez por outra, tais senhores em busca de poder entravam em conflito com outros donos de terra, que também se tornavam seus

inimigos políticos. Nesse sentido, “o movimento que se iniciou como contrário à dominação do coronelato em pouco tempo acabou sendo por ele cooptado” (PAIZANTE, 2015, p.41).

Associando-se aos fazendeiros regionais, os cangaceiros tinham a garantia de um local seguro para se esconder da polícia e para se abastecer de alimentos e armamentos. Tais fazendeiros que ofereciam proteção aos cangaceiros ficaram conhecidos como “coiteros”. A constituição de uma rede de coiteros foi fundamental para a sobrevivência dos bandos. Nos momentos em que se encontravam mais fragilizados, famintos, feridos e sem possibilidade de continuar fugindo do cerco policial pela caatinga, era com a ajuda dos coiteros que os cangaceiros poderiam se recuperar, restabelecer as forças sem serem incomodados pelas tropas volantes e, assim, prolongar a existência do grupo. (PAIZANTE, 2015, p.42).

É nesse momento que surge a figura do homem justiceiro e fora da lei, depois de ter sofrido algum tipo de perseguição, comete crime de vingança ou passional e começa a viver à margem da lei. Contratos por coronéis para defender terras de possíveis invasões ou para cometer crimes de *justiçagem* dão origem à forma embrionária que mais tarde viria a ser o cangaço e suas várias facetas. Nessa ótica,

[...] por outro lado, os coronéis também se beneficiavam com as alianças que estabeleciam com os cangaceiros, que em troca do “acoitamento” se colocavam a serviço do potentado, agindo como uma espécie de milícia. Os latifundiários se valiam dos cangaceiros para empreender ações cujo objetivo era a disciplinarização de seus agregados e a intimidação de seus inimigos políticos. Sob esta perspectiva, os cangaceiros tinham a função de mantenedores da ordem social vigente, garantindo o controle do coronel sobre a população pobre. “E a partir disso nota-se que o cangaceirismo não se tratava de uma forma de contestação das estruturas sociais baseadas no latifúndio, mas fazia parte deste sistema, era mais um instrumento de afirmação do poder do coronelato e de dominação. (PAIZANTE, 2015, p.42).

Nas áreas governadas por proprietários de terras, o jogo político lança mão das rivalidades e relações das principais famílias e de seus respectivos seguidores e clientes. Em última análise, o poder e a influência do chefe de tal família repousa no número de homens que ele tem a seu serviço, oferecendo proteção e recebendo, em troca, aquela lealdade e aquela dependência que são a medida de seu prestígio e, “consequentemente, de sua capacidade de estabelecer alianças: comanda assim as lutas armadas, as eleições ou que mais determina o poder local” (PAIZANTE, 2015, p.43).

Ao compreendermos tal conjuntura que dava origem às relações entre coronéis e cangaceiros, teremos condições de aprofundarmos o entendimento que levaram ao interesse dos grupos de “bandoleiros” a procurarem uma cidade maior e mais próspera, do ponto de vista econômico, para conseguirem se manter como dominadores do sertão. O que levaria Lampião a se unir com outros grupos de cangaceiros para dar origem ao incursão de uma marcha de quase quatrocentos quilômetros por terras potiguares, até então desconhecidas pela maioria dos cangaceiros que participaram da ofensiva?

Na perspectiva da valorização da cultura regional e dos fatos abarcam especificamente o fenômeno do *Cangaço*, temos vasta bibliografia, registros fotográficos e testemunhos sobre esse controverso arcaísmo. Tal movimento teve seu apogeu entre os anos de 1922 a 1940, sendo caracterizado pelas variadas formas de enxergá-lo: muitos o apresentam como a pior face do banditismo no sertão nordestino, enquanto que, por outro lado, muita gente o aponta como um movimento de vigor resistente ao coronelismo e ao triste abandono governamental. Nesse sentido, pode-se afirmar que o cangaço,

Foi uma onda de banditismo, crime e violência que se alastrou por quase todo o sertão do Nordeste brasileiro entre o século 18 e meados do século 20. Para alguns especialistas, o cangaço teria nascido como uma forma de defesa dos sertanejos diante da ineficiência do governo em manter a ordem e aplicar a lei. Mas o fato é que os bandos de cangaceiros logo se transformaram em quadrilhas que aterrorizaram o sertão, pilhando, assassinando e estuprando. Para combatê-los, o governo reagiu com as “volantes”, grupos de policiais disfarçados de cangaceiros, que muitas vezes eram mais brutais que os próprios cangaceiros. O maior de todos os cangaceiros, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, começou a atuar em 1920. Estima-se que sua gangue chegou a matar mais de mil pessoas. (NAVARRO, 2018, p. 32)

Sendo um dos fatos históricos mais estudados e discutidos nas famílias, ruas e academias nordestinas, o cangaço é permeado por vários momentos que se transformaram em verdadeiras enciclopédias que abordam esse tema. São tantos fatos e pontuações que o acervo de “causos” sobre a saga cangaceira que permeou a realidade do Nordeste dissemina a curiosidade do senso comum e o interesse acadêmico de milhares de estudiosos e pesquisadores na contemporaneidade. Sem contar que muitos jornais e impressos da época noticiaram os fatos que abarcam o entendimento do cerne desse trabalho.

5 MOSSORÓ NO TEMPO DE LAMPIÃO

E Mossoró, o que tem a ver com isso? Essa frase em forma de questionamento saiu da boca do Padre Mota¹³ e tem muito sentido. Pelo que se sabe, o cangaceiro Lampião, já muito famoso, não tinha inimigos e desavenças para bandas do Rio Grande do Norte. Não conhecia essas terras e tampouco demonstrava interesse em visitá-las. No entanto, a forma que o cangaço se configurou depois de algum tempo deu origem a uma verdadeira sociedade ou “cooperativa bandoleira”. Frederico Pernambucano de Melo (2017) vai chamar essa organização de “Cangaço S.A”. Funcionava da seguinte forma: diante de grandes incursões que demandassem um maior perigo ou possível derrota, grupos de cangaceiros, chefiados por diferentes líderes, eram acionados a partir de mensagens que chegavam via telégrafos ou cartas. O contato com alguma força política regional não era dispensado e a proteção de coiteiros¹⁴ era frequente, mesmo em terras distantes, pois em muitos casos aqueles que protegiam ou escondiam tais “bandoleiros” recebiam em troca os mais diversos favores dos mesmos.

A manutenção da saga cangaceira necessitava de recursos dos mais variáveis e a maneira de conseguir o maior número de bens era invadindo e saqueando cidades. Mossoró entra na rota pelo fato de ser uma cidade que detinha grande concentração de riquezas para os padrões da época. Nesse sentido, Raul Fernandes¹⁵, em sua obra *Marcha de Lampião, assalto a Mossoró*, cuja primeira edição foi lançada em 1938, ajuda-nos a entender que, na cidade, havia um comércio dos mais lisonjeiros e o maior parque salineiro do país, além de três firmas que descarocavam e prensavam algodão, um centro comprador de peles, algodão e cera de carnaúba que ainda exportava pelo porto de Areia Branca. Sem falar dos longos comboios de mercadoria que chegavam do interior da Paraíba e do Ceará e voltavam levando sal e variados produtos: “Os estalos dos chicotes de arrieiros, guiando tropas de burros, anunciavam a chegada de a saída desses transportes”(FERNANDES, 1985, p.31)

¹³ Líder católico e pároco da matriz de Santa Luzia em 1927. O mesmo dispôs do campanário da Igreja de São Vicente, local da principal batalha entre mossoroenses e cangaceiros (MAIA, 2012, p.12).

¹⁴ Eram as pessoas que davam proteção aos cangaceiros. Em troca, recebiam favores. Muitos foram esses personagens; entre eles, encontrava-se todo tipo de gente, desde influentes coronéis a simples camponeses e criadores de cabras. Os coiteiros são personagens que, durante o período de durabilidade do cangaço, mais influenciaram ações dos cangaceiros. Inclusive no ano de 1938, o coiteiro Pedro de Cândido se tornou conhecido por ter entregado, após ameaça da polícia volante, o local exato em que estavam escondidos Lampião e seu grupo, onde foram assassinados na Grotta do Angico.

¹⁵ Escritor, nascido em Mossoró, em 1908. Filho do prefeito Rodolfo Fernandes. Testemunha ocular da resistência do povo de Mossoró. Graduado em direito pela Faculdade de Direito da Bahia e médico formado pela Universidade do Rio de Janeiro.

Figura 9 - Mossoró em 1927 – Rua do Triunfo.



Fonte: Manuelito, 2020.

Muitas cidades do Brasil, em 1927, não tinham acesso à energia elétrica. Mossoró, mesmo estando a quase trezentos quilômetros da capital do estado, tinha suas noites iluminadas pela eletricidade dos postes. Evidentemente que tal sinal de riqueza que circulava na região despertaram o interesse dos “salteadores dos sertões”. Nesse sentido, vale salientar que,

A energia elétrica alimentava várias indústrias nascentes. Havia repartições públicas federais e estaduais. A agência do Banco do Brasil era o único estabelecimento de crédito da região. Mossoró tomara lugar da vizinha Aracati, no Ceará, que em época mais recuada liderava a área. Sem dúvida tornara-se a mais rica do Estado conhecido como a “Capital do Oeste”. (FERNANDES, 1985, p.35)

5.1 Acertos da invasão

Teria Virgulino, que sempre procurava agir com muita cautela, pensando e repensando seus passos para qualquer local que fosse decidido atacar Mossoró a partir de sua confiança em Massilon, cangaceiro nascido em Apodi, cidade que fica sessenta quilômetros de Mossoró? Geraldo Maia (2017, p. 26) afirma que “Por algum tempo, este cangaceiro trabalhou nas feiras livres de Mossoró. Conhecia muito bem o trânsito de mercadorias e o grande movimento financeiro dentro e nos arredores da cidade”.

Sendo gente do povo e conhecedor dos feirantes da cidade, e transitando com mercadorias para povoações circunvizinhas, não teria tal cangaceiro a ajuda de muitos do

povo simples que tanto sofria nos últimos anos e mais ainda com o flagelo das secas? Não eram essas pessoas os descendentes de tais retirantes que agora viam igrejas, monumentos e bancos de Mossoró em pé e a prosperidade erguida em cima da morte diária de seus pais e mães? Muitos do povo, certamente, quando ouviam sobre cangaço, sentiam-se impulsionados a apoiar esses justiceiros que andavam no mato. Interessante é perceber que, até nos dias hodiernos, a população de Mossoró, apesar da grande força da propaganda nos últimos anos querendo colocar e apresentar o prefeito Rodolfo Fernandes como herói, é muito ambígua em seu sentimento para com os cangaceiros.

Embora instigantes e curiosos, os relatos sobre a vida do cangaceiro Massilon são bem mais simplórios. A vivência no cangaço de Massilon, embora vertiginosa, “durou apenas quatro anos” (MAIA, 2017, p.27). Todas as mortes que lhe atribuíam não ocorreram, inclusive, por falta de tempo, embora tenha cometido inúmeros homicídios, assaltos a vilas, fazendas e sítios, tudo comprovado. Em 1927, Massilon ataca Apodi, Gavião e Itaú, todas no Rio Grande do Norte, estado onde não havia grupos armados de cangaceiros. Teve sucesso em alguns assaltos e em emboscadas, e isso serviu para estimular outras tentativas, o que o levou a vislumbrar êxito em assaltar Mossoró.

Ainda segundo as pesquisas de Honório de Medeiros, conseguimos aprofundar o entendimento que envolve as relações de Massilon e o bando que tentou a frustrada invasão. Assim,

Nesse mesmo ano, Massilon é apresentado a Lampião, que não o conhecia, e tem início as sugestões para o saque de Mossoró, a segunda cidade do Estado e a mais rica do interior. Lampião reluta. Tinha por norma só invadir cidades com uma só torre de igreja apontando para o céu e Mossoró tinha quatro. Mas acabou cedendo e o bando atacou a cidade. Mas a população, indignada, pegou em armas e se defendeu com unhas e dentes. Fracassada a tentativa, com o orgulho ferido e o rabo entre as pernas, Lampião e sua cabroeira se retiraram para Pernambuco. Na luta morreu o cangaceiro Colchete e Jararaca, ferido e preso, foi executado, havendo notícia de que teria sido sepultado vivo. Massilon se despede de Lampião e rumo para o Maranhão. Em março de 1928, no Sítio Granjeiro, interior do município de Caxias, Massilon morre em consequência de um “insucesso.” Brincava com um amigo negro chamado Vicente, que dizia ter o corpo fechado, e foi baleado de maneira mortal. Tinha presumíveis 30 anos de idade vivendi de 1898/1928. (MEDEIROS, 2013, p.17).

Figura 10 - Massilon agachado após a invasão a cidade de Juazeiro do Norte em 15 de junho de 1927, juntamente com o grupo de Lampião, após serem expulsos de Mossoró.



Fonte: Recorte da fotografia feita em Limoeiro do Norte – Acervo do Museu Lauro da Escóssia.

Em visita à fazenda Aurora, pertencente ao coronel Isaias Arruda, Virgulino Ferreira conhece Massilon. A partir desse encontro, toda a estratégia é pensada para a rapinagem e o saqueamento a uma cidade que não era conhecida pela maior parte do grupo de cangaceiros que acompanhava Lampião. No entanto, a possibilidade de ter sucesso era a expectativa do grupo.

O Coronel Isaias Arruda (figura 11) foi até então o maior coiteiro de Lampião e seu bando no cariri cearense. No porão, localizado na casa que pertenceu ao famoso coronel em Missão Velha, eram recebidos os cangaceiros e seus capangas. No lugar, foram guardadas as armas que o coronel, em conluio com Lampião, usou no ataque à cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte. O local guarda muitos mistérios, e foi explorado pelo pesquisador José Mendes Pereira, com apoio do também pesquisador Bosco André. Nasceu em 6 de julho de 1899, na Vila d’Aurora, atual município de Aurora-CE. Sua trajetória ganhou destaque, mesmo jovem, ao hospedar Lampião e seus capangas em sua fazenda. Era também responsável por fornecer munição e armas para o cangaceiro. Sua morte aconteceu no dia 8 de agosto de 1928, aos 28 anos (CALIXTO JÚNIOR, 2019, p.16)

Figura 11 - Isaías Arruda.



Fonte: Jornal de Fato, 2003.

As terras do Rio Grande no Norte, mesmo sendo as paragens onde nasceu um dos cangaceiros mais falados dos sertões, Jesuíno Brilhante (nascido em Patu - RN), não tinha uma grande quantidade de registros de agrupamentos de cangaceiros invadindo fazendas, sítios ou pequenos povoados. Claro que se sabia que a geografia do sertão estava em conflito permanente entre os cangaceiros e as denominadas forças volantes. Sabe-se que, em 1927, um ano após o grande recebimento de armas que beneficiou Lampião no Juazeiro, espalhou-se pela imprensa da época que o grupo de cangaceiros estava fortemente armado.

Em 1924, um jornal paraibano já noticiava que o sertão já estava assombrado com a presença de cangaceiros na região de Conceição do Piancó. Se vê que há uma reclamação e denúncia contra o governo, que não estaria dando apoio aos fazendeiros na luta contra o cangaço (O Jornal, 17/02/1924). Partindo do que diz o periódico, pode-se entender que esse medo da população poderia aumentar e, com o poderio conseguido com as armas adquiridas com o padre Cícero, em 1926, o objetivo de conseguir sucesso ao invadir uma cidade de maior porte poderia ser alcançado. Massilon surge então como grande mentor das estratégias para tal invasão, até porque, nascido em Apodi, que dista 68 km de Mossoró, conhecia bem a região, ainda mais tendo trabalhado nas feiras livres daquele município (MAIA, 2016, p.35).

Depois do lançamento de luzes sobre a história do povoamento de uma parte do Rio Grande do Norte, onde está situada a cidade, sobre o cangaço e o coronelismo no Nordeste, e, sobretudo, ao mostrarmos o povo simples e humilde que tanto foi esquecido e renegado a não aparecerem nos livros e as produções da historiografia tradicional, diferente do que acontece atualmente, onde se dá muita ênfase, a partir dos Anális, aos sujeitos esquecidos, passamos a

fazer a discussão sobre o formato que iremos oferecer após a pesquisa. É importante afirmar que os locais que estão no Roteiro Turístico têm íntima relação com o fato de 13 de junho de 1927, em Mossoró. Tratam-se de *lugares de memória* que foram construídos pelo povo simples, em sua maioria retirantes de um duro período de seca que matou de fome milhares de desvalidos.

6 DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Nesse momento, colocamo-nos a falar um pouco do famoso conceito de "Lugares de Memória", que é observado neste trabalho como categoria de preservação dos locais onde passaram os cangaceiros no episódio de 1927, em Mossoró. Pierre Nora nos ajuda a entender a conceituação ao nos propor uma interessante e assertiva discussão sobre as noções de *história e memória*.

Essa categoria foi inserida na política de preservação do município em alguns locais, principalmente os que evidenciam a violência como símbolo de força contra os cangaceiros. Por exemplo, o enaltecimento por autoridades mossoroenses à Igreja de São Vicente, por esta ainda guardar em suas paredes as marcas de balas de fuzil, frutos do confronto. A estrutura se encontra bastante preservada e ainda é possível identificar em suas paredes e torres as marcas dos tiros de fuzil. Foi construída entre 1915 e 1919. A mão de obra usada foi majoritariamente de pobres retirantes que tentavam sobreviver e resistir à seca que assolava o Nordeste. Mossoró se tornou campo de abrigo para essa grande quantidade de desabrigados. Neste trabalho, há um tópico apresentando a história deste templo católico.

O que se observa é a constante necessidade da ritualização de uma memória e como esta, em construção, pede um espaço físico para servir de alicerce na formação de um tipo de memória exigida na sociedade hodierna: a coletiva, ainda que apenas local, mas que dá ao indivíduo acesso a um processo de identificação.

Nas suas *Histórias da noite*, Jorge Luís Borges (2010, p.16) nos apresenta os pensamentos de um dos seus personagens ao falar sobre a vida: "Sabia que o presente não passa de uma partícula fugaz do passado e que estamos feitos de esquecimentos". Já Pierre Nora nos traz a possibilidade de desenvolver, no seu conhecido texto, *Entre memória e história – a problemática dos lugares*, a afirmativa de que não se pode contar mais com a memória. Esta só seria revivida e sentida como rito quando se tenta uma identificação por parte dos sujeitos que socialmente utilizam-se hoje da história para lhe apresentar locais onde se possa entender que a coletividade não é feita de *esquecimentos*, mas sim de *lembranças*: Para Nora (2010, p. 16), "Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora". Ele está nos levando a pensar sobre memória e história dentro de uma nova perspectiva.

Nesse sentido, o referido autor nos propõe uma revisão da prática historiográfica. O mesmo se sentiu desafiado a encontrar uma solução para a problemática de que não é possível a construção de uma história plena e que o paradigma de uma ciência histórica, seguidora dos mesmos métodos da ciência social, não poderia ser concebido, por se apresentar inconsistente e repleto de falhas. Nora trata o passado como processo. Portanto, o passado está sempre próximo, porque não existe a morte do passado: “A verdadeira percepção do passado consistia em considerar que ele não era verdadeiramente passado”.

O hiato entre memória e história produz significados bem definidos para Nora. A memória é tida como tradição definidora, portadora de uma herança que dá sentido e forma; ela é viva e dinâmica. Nora chega a afirmar que ela é

[...] ditatorial e inconsciente de si mesma, organizadora e toda-poderosa, espontaneamente atualizadora, uma memória sem passado que reconduz eternamente a herança, conduzindo o antigamente dos ancestrais ao tempo indiferenciado dos heróis, das origens e dos mitos (NORA, 1993, p.12).

Para o autor, a memória deve ser compreendida como narrativa, que tende a cumprir a função que os processos mitológicos têm nas sociedades tradicionais, que é manter as fundações de sua organização. Sendo a história uma promotora de correlação que faz oposição, como narrativa que une, ela também dispersa e seleciona os eventos fatídicos, petrificando, congelando e matando os momentos de memória, colocando o passado como algo longe e obscuro, portando uma aura que deve ser a todo tempo investigada, criticada e revisitada. A história produz um registro de identificação amplo que precisa ser absorvido, mesmo sendo controverso diante das inúmeras identidades fragmentadas, sem esquecer que essas identidades carregam em si, suas memórias específicas. Nora (1993, p. 14) dirá então que "a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga a continuidades temporais, às evoluções, e às relações das coisas. A memória é o absoluto e a história o relativo".

Após observar essa dupla de conceitos, o autor nos faz o que parece ser a sua grandiosa denúncia: vivenciamos os instantes em que os grupos sociais hodiernos, no limite de sua mutação da memória em história, fazem a eliminação da mesma quase que de forma plena. Por isso a insistente defesa de que o presente "é o momento preciso onde desaparece um imenso capital que nós vivíamos na intimidade de uma memória, para só viver sob o olhar de uma história reconstituída" (NORA, 1993, p.15).

A História é a memória existente. Nessa ótica, Nora (1993, p. 8) nos diz que: "tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade da história". Nossa sociedade faz um pedido permanente de preservação e proteção de sua memória. É uma necessidade de reconstituição de sua essência, vista como um produto forjado do passado para o presente, com isso a sempre presente importância de se preservar vestígios, trilhas, fósseis etc. A sociedade tem carência da história como meio para dar sentido a um significado que não lhe é mais distante da incompreensão cognitiva. Corroborando com o entendimento de Nora, temos a afirmação de Foucault, apontando que,

A história contínua é o correlato indispensável à função fundadora do sujeito: a garantia de que tudo que lhe escapou poderá ser devolvido; a certeza de que o tempo nada dispensará sem reconstituí-lo em uma unidade recomposta; a promessa de que o sujeito poderá um dia – sob a forma da consciência histórica –, se apropriar, novamente, de todas essas coisas mantidas a distância pela diferença, restaurar o seu domínio sobre elas e encontrar o que se pode chamar sua morada. (FOUCAULT, 2003, p.08)

Destarte, Nora nos direciona para entendermos a sua categoria de "Lugares de Memória" como a maneira de responder a essa necessidade de identificação que o indivíduo hodierno carece. Nesse sentido,

São nos grupos “regionais”, ou seja, sexuais, étnicos, comportamentais, de gerações, de gêneros entre outros, que se procura ter acesso a uma memória viva e presente no dia-a-dia. Nora conceituará os lugares de memória como, antes de tudo, um misto de história e memória, momentos híbridos, pois não há mais como se ter somente memória, há a necessidade de identificar uma origem, um nascimento, algo que religue a memória ao passado, fossilizando-a de novo: “O passado nos é dado como radicalmente outro, ele é esse mundo do qual estamos desligados para sempre. É colocando em evidência toda a extensão que dele nos separa que nossa memória confessa sua verdade como operação que, de um golpe a suprime. O autor, na sua busca para uma solução possível ao problema de "não se ter memória", pontua que se não há uma memória espontânea e verdadeira, há, no entanto, a possibilidade de se acessar a uma memória reconstituída que nos dê o sentido necessário de identidade. (ARÉVALO, 2012, p. 4).

Pode-se se dizer que, na compreensão de Nora (1993, p. 12), “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos,

organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais". Essa perspectiva faz parte de sua idealização de que os lugares de memória estão profundamente imbricados e essa relação essencial tem o poder de ressuscitar a lembrança, tradicional via de se atingir a memória. Por este critério, portanto, estão definidos os lugares de memória: "só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica [...] só entra na categoria se for objeto de um ritual" (NORA, 1993, p.15).

A contribuição de Nora nesse trabalho é dada quando se busca entender a relação dos locais escolhidos para serem parte do roteiro turístico. Esses são elementos importantes na constituição da memória coletiva dos sujeitos que vivem ou tem raízes na cidade. E pode-se dizer que o ritual da memória desses fatos, ano a ano, tem sido promovido. Há o ritual encabeçado pelas famílias abastadas da cidade que evidenciam certo tipo de triunfalismo denotado pela forma como é contada a história da vitória dos mossoroenses sobre um grupo de “bandoleiros” que amedrontava os sertões, mais que se deu mal ao chegar em Mossoró, porque encontrou um *povo forte e valente que não se intimidou*. E também se percebe o ritual silencioso dos pobres do povo que, ano a ano, visita os jazigos dos cangaceiros justicados. E até a não existência do ritual de visita ao túmulo do prefeito Rodolfo Fernandes já nos fala muito e podemos até trazer o “não dito” de Michael de Certeau para fortalecer essa compreensão da ausência e do silêncio que muito nos diz e informa.

A imprensa, que pertence a grupos de políticos de famílias “tradicionais”, tenta a todo custo colar a pessoa do prefeito Rodolfo Fernandes à personificação de um estrategista e *salvador de Mossoró*. No entanto, o “povão” visita mesmo e cobre de velas e grinaldas o túmulo do cangaceiro Jararaca. Márcia Arévalo, ao citar Nora, diz-nos que o mesmo,

[...] utiliza-se enfaticamente da ritualização de uma memória-história em um determinado espaço denominado *Lugares de Memória* na esperança de que essa possa reunificar o indivíduo fragmentado com o qual lidamos na sociedade contemporânea. O autor, assim como tantos outros, na sua desilusão com a modernidade e o desejo de explicar a sociedade contemporânea, está tentando encontrar meios de adaptar essa sociedade do "pós", de entendê-la, estudá-la. (ARÉVALO, 2012, p. 13).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade de Mossoró tem uma população de 304 mil habitantes no ano de 2020, constituindo, assim, a segunda maior cidade do estado do Rio Grande Norte, atrás apenas da cidade de Natal, capital do estado. Não é mais uma pequena cidade com apenas ares e hábitos de interior. Muitos

elementos urbanos que são encontrados em grandes cidades do Brasil já são possíveis de serem encontrados em Mossoró, a exemplo de grandes lojas de conveniências, hipermercados e shoppings-centers.

Ao contemplamos estes espaços dinâmicos e voláteis comuns ao dia a dia das cidades, vimos que é possível trazer, para o contexto do entendimento das memórias da cidade, os locais que irão formar o roteiro turístico elaborado ao final desta pesquisa. José Reginaldo Gonçalves dos Santos (2003, p.18) nos traz a distinção entre *Narrativa e Informação*, o que contribui para uma reflexão acerca da função social de cada local de memória do roteiro. A relação entre narrativa e informação é profunda, porém a distinção entre esses conceitos é imprescindível. Por isso é importante entender que,

A informação é fruto de um universo marcado pela heterogeneidade dos códigos socioculturais, pela impessoalidade e pelo anonimato. Enquanto a narrativa é fundada na possibilidade de compartilhar experiências numa coletividade, portanto interligada por laços afetivos. (GONÇALVES, 2008, p. 173).

Enquanto o que é narrado se mostra através de histórias contadas ao longo do tempo ou na espacialidade, aquilo que é informado está preso ou engessado dentro de uma proximidade temporal ou espacial. A experiência de se estar de diante de uma narrativa vem preenchida por um saber que é sentido e forjado ao longo dos dias e anos. Esse movimento produz uma autoridade que dispensa a necessidade de ser provada pela experiência. Segundo Benjamin,

A informação aspira a uma verificação imediata. Antes de mais nada, ela precisa ser compreensível “em si e para si”. Muitas vezes não é mais exata que os relatos antigos. Porém, enquanto esses relatos recorriam frequentemente ao miraculoso, é indispensável que a informação seja plausível. Nisso ela é incompatível com a arte da narrativa. (BENJAMIN, 1986, p.186).

Ainda se faz mister afirmar que o conteúdo do que é informado não chega como “explicação” (GONÇALVES, 2003, p.34), restringindo a possibilidade dinâmica de interpretações, reduzindo a possibilidade de assimilação. A *narração* e sua didática, nessa ótica, são contrastantes com o ritmo frenético das grandes cidades. Como Mossoró não é uma grande cidade, mas com uma urbanização de médio porte, há muito espaço para se ouvir próximo desses locais de memória, presentes no roteiro, uma forte influência das narrativas

populares em relação às experiências subjetivas dos sujeitos da cidade com os fatos, as lembranças e as contações sobre o fato que marcou o dia 13 de junho de 1927.

José Reginaldo afirma ser possível distinguir o museu-narrativa do museu-informação. Os locais que compõem o roteiro podem ser identificados entre essas suas compreensões. Sobre o *museu narrativa*, ele aponta que:

[...] surge e desenvolve-se num contexto urbano, em que a relação com o público ainda guarda uma marca pessoal. Ele não é um museu feito para atender grandes multidões. Quantitativamente, seu público é bastante restrito; qualitativamente, é seletivo. É provável que nele caminhe confortável *o flâneur*¹⁶, mas certamente não se reconhecerá nesse espaço o “homem-da-multidão”. “Dessa relação o “museu-narrativa” retira uma série de características definidoras”. (GONÇALVES, 2003, p. 177).

O museu Lauro da Escóssia, a Catedral de Santa Luzia, a Igreja de São Vicente, a Estação Ferroviária e o Memorial da Resistência podem ser considerados exemplos de museus-informação. Nesses locais de memória, existem placas com apontamentos de datas e algum resumo da “história oficial” sobre a fundação e a importância para a história da cidade. No entanto, a voz das pessoas simples, que estavam presentes desde a fazenda de criação de gado em 1772, não está explicitada nessas placas. As narrativas populares que verdadeiramente forjaram a força popular de cada um desses pontos não são apresentadas, como, por exemplo, quem eram os trabalhadores que tanto labutaram para construção de uma linha férrea na primeira década do século XX em Mossoró. No meio do povo, todavia, é possível ouvir que quem construiu tal linha férrea foram pobres retirantes da seca, trabalhadores rurais e salineiros. Há documentação que traz a história de cada local de memória, porém, esse acesso geralmente é dado a pesquisadores, professores ou quem se interesse sobre o tema. Um dos objetivos desse trabalho passou a ser o descortinar das ações desses sujeitos tão essenciais para a formação da cidade e de suas memórias.

Já os locais que estão praticamente abandonados são a Ponte de Ferro e os túmulos dos cangaceiros Jararaca e Colchete, no cemitério São Sebastião. Nesses locais, não existe apontamento algum e o visitante que não têm conhecimento dos fatos acontecidos na cidade em 1927 podem esporadicamente contar com as narrativas populares sobre esses locais. Essa gama de locais com suas informações formam o universo de memória acerca do fato que está no cerne desta pesquisa, trazendo significados que sustentam a afirmação em dizer que:

¹⁶Flâneur (s.m), do francês: flandador, passeante. Dá origem a Flanirie que significa passeio casual, sem destino.

A memória significativa é a memória dessa unidade social que engloba todos, nela incluindo-se as memórias de grupos hierarquicamente inferiores e a memória de indivíduos. No caso das estruturas sociais modernas, marcadas pelo individualismo e pelo igualitarismo, enfatizam-se construtivamente as memórias de pequenos grupos e categorias e a memória biográfica de indivíduos, todos pensados em termos de mútuas relações de igualdade e valorizando-se positivamente a singularidade de cada uma dessas memórias. (GONÇALVES, 2003, p.188).

Então, a partir das reflexões que são possíveis ser feitas e ao nos debruçarmos sobre parte da vasta bibliografia acerca do cangaço e do que são locais de memória, chegamos à seguinte questão problema: *a cidade de Mossoró tem potencial para oferecer a sua população e aos seus visitantes, um roteiro turístico com vestígios do cangaço?* A resposta é sim. A cidade tem e já faz uso desses espaços de maneira mais informativa, em alguns locais, e em outras de forma narrativa. Muito se conta e se fala sobre a relação desses sete locais que formam o roteiro e suas relações com a passagem dos cangaceiros por Mossoró. Nessas narrativas oficiais, esquecem-se ou não se dá o importante crédito ao povo simples e sofrido que esteve presente em todos esses momentos e fatos que construíram a história da cidade.

Portanto, o que se pretendia nesta pesquisa era, a partir da universidade em um dos seus primordiais papéis (produzir conhecimento e levá-lo à comunidade pela extensão), refletir, sob o ponto de vista historiográfico, sobre os momentos históricos que marcaram a cidade de Mossoró no estado do Rio Grande do Norte, quando foi cercada por um número de mais ou menos 80 cangaceiros (MELO, 2019, p.62) e resistiu. Também é proposta desta pesquisa produzir um suporte técnico, disponibilizando-o ao conhecimento do público em forma de *Roteiro Turístico*, que servirá de auxílio aos cidadãos mossoroenses e/ou visitantes que estejam dispostos a percorrer um caminho de aprendizagem, dentro de uma experiência palpável e sensível por dentro da história do cangaço em Mossoró.

Como objetivo geral desta pesquisa, pretendeu-se uma reflexão, sob o ponto de vista historiográfico, acerca da tentativa frustrada de invasão dos cangaceiros à cidade de Mossoró no ano de 1927, bem como produzir um *Roteiro Turístico* (que a cidade ainda não possuía), que servirá de suporte antes e durante as visitas aos pontos onde existem os vestígios da rota cangaceira dentro da cidade. Especificamente, os objetivos foram verificar, por meio de pesquisa bibliográfica, o conceito de cangaço e os desdobramentos desse fenômeno relacionados à cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte; apresentar a potencialidade da cidade de Mossoró para abertura ao turismo de valorização da memória e patrimônio

imbricado ao cangaço; pesquisar os artefatos iconográficos, e inseri-los no roteiro estruturado e nas mídias digitais; disponibilizar um roteiro turístico/educacional nos formatos impresso e eletrônico que contemple os vestígios históricos do episódio de 1927.

A priori, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre lugares de memória, e sobre as origens da cidade de Mossoró e ainda sua relação com o cangaço, observando suas características e seu desenvolvimento, e ainda um breve estudo de como e porque este município entra nesse contexto e na mira de Lampião nos anos vinte do século XX. A pesquisa historiográfica foi escolhida como metodologia porque, ela promove um contato direto do pesquisador com a realidade estudada, uma relação mais prolongada com o ambiente pesquisado, além de um profundo conhecimento da situação do objeto de estudo, o que, neste projeto, expressa-se pela análise de registros, gravações ou transcrições de entrevistas e discursos. Para a autora, a pesquisa qualitativa deve se desenvolver numa situação natural, baseada em um bom levantamento bibliográfico e em ricos dados descritivos, previstos num plano aberto, flexível, e que focalize a realidade de forma complexa e contextualizada.

Num primeiro momento, a pesquisa se valeu do levantamento bibliográfico e, posteriormente, selecionou as obras que permitiam um aprofundamento teórico-metodológico sobre o cangaço e os fatos ocorridos na saga de Lampião à Mossoró e seus possíveis usos no espaço educacional. Autores como Rui Facó, Frederico Pernambucano de Melo, Raul Fernandes, Geraldo Maia e Robério dos Santos, além de grandes teóricos historiadores, como Carlo Ginzburg, Durval Muniz, Miguel e Michel de Certeau, serviram como suporte teórico e deram sustentação às reflexões acerca do tema e da grande área deste trabalho. A vantagem dessa abordagem é que as fontes (livros, iconografia, impressos e cordéis) constituem uma fonte estável e rica de informações, podem ser consultados várias vezes e servem de base para diferentes estudos e como fundamentação para afirmações e declarações do pesquisador.

Como forma de organização de dados, a pesquisa contou com uma parte descritiva das observações - sujeitos, reconstrução de diálogos e locais -, e por uma parte reflexiva, com observações pessoais contendo reflexões analíticas, metodológicas, e esclarecimentos necessários com base nos documentos analisados durante o levantamento bibliográfico. Dando prosseguimento aos encaminhamentos do projeto, partiu-se para as visitas aos locais que formam o roteiro Histórico-educacional produzido, sendo esses: *A ponte de Ferro na entrada sul da cidade de Mossoró, Igreja de São Vicente, Catedral de Santa Luzia, Antiga Cadeia Pública da Cidade (Hoje Museu de Mossoró), Cemitério São Sebastião, Estação Ferroviária*

e Memorial da Resistência. Entende-se que tais locais se constituem em espaço de memória que estão eminentemente imbricados à proposta desse trabalho.

A ponte de ferro na entrada sul da cidade Mossoró foi o local onde os mais de 80 cangaceiros fizeram a última reunião estratégica, no dia 13 de junho, antes da invasão que originou o conflito. Firmamos a ideia de que o roteiro turístico do cangaço na cidade deve ser iniciado por tal justamente nesse local. Na época do conflito, essa localidade estava fora da cidade. Com o crescimento urbano dos anos seguintes, este se tornou um dos bairros mais populosos da cidade, o Alto da Conceição.

Dando continuidade à rota turística, as igrejas de São Vicente e a catedral de Santa Luzia se apresentam como locais importantes: a primeira por ter sido palco principal do conflito, onde tombaram os cangaceiros Colchete e Jararaca, e a segunda como local de memória da rota, por ter sido o local onde os combatentes de Mossoró levaram o corpo do cangaceiro Colchete. Segundo relatos, esse corpo foi mutilado, tendo uma das orelhas decepadas no adro desse templo religioso, que, na época do fato, era a igreja Matriz, sede da paróquia de Santa Luzia.

Muitas trincheiras foram montadas para o enfrentamento aos cangaceiros, com uma das mais conhecidas sendo a estação ferroviária. Naquele momento histórico, esse era um dos prédios mais importantes, pois era o local onde as mercadorias que entravam em Mossoró, vindas de Porto Franco (cidade de Grossos), eram distribuídas para o alto sertão do Rio Grande do Norte e para a Paraíba. Não causa admiração, então, o prefeito querer proteger esse local de saques e rapinagem. Já o Museu Lauro da Escóssia entra como ponto de visitação pelo fato de ter sido o local onde manteve encarcerado por quatro dias o Jos e Leite de Santana (Jararaca). Em 1927, o local era a cadeia pública da cidade. No andar superior, funcionava a intendência municipal.

O cemitério São Sebastião entra na rota turística por ser o local onde estão os jazigos de três personagens ligadas ao cangaço. Estamos falando dos túmulos dos cangaceiros Jararaca, Colchete (mortos no ataque   Mossoró) e Asa Branca (depois de anistiado, viveu em Mossoró e faleceu na década de 1970). É nesse cemitério em que todos os anos, principalmente no dia de finados, centenas de visitantes acorrem ao túmulo de Jararaca, e acendem velas, fazem orações e d o continuidade a um fen meno que sempre provoca um misto de curiosidade e indagação. Ainda pode ser visitado o túmulo do prefeito Rodolfo Fernandes, apresentado pelos que se dizem resistentes, como o líder da ação vitoriosa contra os cangaceiros.

O roteiro termina com a visita ao memorial da resistência, que foi criado em 2008. O local fica em uma grande praça de convivência e conta com vários painéis com fotografias de alguns mossoroenses que participaram do conflito, como também imagens que remetem ao cangaço. Assim, entendemos que, ao final do percurso, foi produzido um suporte consistente que poderá atender às expectativas do público em geral que queira fazer essa rota de conhecimento histórico, atendendo aos critérios de uma metodologia de conhecimento calcada na pesquisa minuciosa de documentos, obras, impressos, relatos e entrevistas acerca da grandiosa gama de fontes sobre o fato histórico estudado.

7 DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO

O roteiro turístico é um subsídio muito importante para quem deseja visitar e conhecer alguma localidade. Nesse sentido, a proposta do produto desta pesquisa tem como intuito dar suporte àqueles que chegam à cidade de Mossoró, como também aos estudantes das escolas do município e da região, sem esquecer-se dos cidadãos e pesquisadores que queiram conhecer e entender a história dos locais que estão relacionados ao episódio que culminou na resistência da cidade aos cangaceiros de Lampião, em 1927.

Vivemos em uma sociedade tecnológica, em que os meios remotos já fazem parte no cotidiano pessoal e coletivo. Então, pensar em um roteiro turístico que estivesse presente no mundo digital foi uma máxima que o projeto não poderia deixar de lado e desde o início da pesquisa um dos focos foi a construção desse suporte. Assim, surge a parceria com a prefeitura municipal de Mossoró e o Jornal de Fato para que essas instituições possam disponibilizar em seu perfil digital o *link* de acesso ao roteiro turístico que é fruto deste trabalho de pesquisa. Dessa maneira, o leitor, o visitante ou qualquer pessoa que queira imprimi-lo e tê-lo em mãos na forma estruturada poderá fazê-lo sem problemas. No roteiro há também o mapa com a localização dos lugares que o visitante pode acessar apontando a câmera do celular para o QR Code que está ao lado de cada lugar de memória presentes no roteiro.

A aplicabilidade deste produto é real e consistente, além de contribuir para a divulgação da cidade Mossoró. O roteiro presente em páginas oficiais se torna instrumento pedagógico em qualquer espaço e para qualquer pessoa. Basta acessá-lo e fazer a rota do cangaço em Mossoró.

8 APRESENTAÇÃO E APLICAÇÃO DO PRODUTO

Promover ao visitante que chega à cidade de Mossoró com intuito de dar a possibilidade de entendimento e conhecimento acerca da relação desse município com o cangaço é o principal objetivo do nosso *Roteiro Turístico*. Com esse suporte em mãos, o visitante terá a oportunidade de estar em cada um dos sete locais que compõe essa rota que é composta por sete momentos. Então, para fazer esse caminho, é importante ter disposição. São três horas de visitas onde a história de um dos episódios mais emblemáticos da saga cangaceira se descortina diante dos olhos de quem os visita.

A escolha dos locais de visitação forma uma linha histórica para entendimento do visitante. Fazem parte da memória que reconstrói o episódio de 1927 e, principalmente, traz a sensa o de retorno ao passado, pois foram os locais onde a presença de cangaceiros pôde ser comprovada, seja por documentos, fotografia ou relatos.

Figura 12 - Cidade de Mossoró em 2018.



Fonte: Jornal O Mossoroense, 2004.

8.1 A ponte de Ferro sobre o rio Mossoró

Os registros da Rede Ferroviária do Nordeste (REFESA) apontam que o trem partiu de Porto Franco, em 13 de fevereiro de 1915, e chegou a Mossoró às 17 horas daquele dia. O primeiro comboio da estrada de Ferro de Mossoró adentrou a cidade, fazendo o chão estremecer, o céu escurecer com sua expelida fuligem e apitando. Segundo Breno Araújo,

[...] após 49 anos de espera, foi recebido festivamente por toda a popula o. O periódico O Comércio de Mossoró, número 546, de 13/02/1915, registrou: "Toda a popula o correu   estac o: eram homens, mulheres, meninos, de todas as classes e de todas as idades. O trem entrou grave e

A grande intenção de Graff era aumentar seus lucros e, para isso, a construção da estrada ferroviária, cortando o oeste potiguar, para transportar o grande volume de produtos de Mossoró até o porto, e exportá-los para os mercados internos e externos. Nesse sentido,

[...] vale lembrar que naquele período tanto a Europa como os EUA estavam em período de guerras, assim, como o próprio Brasil, com as guerras das Províncias Cisplatinas, e, portanto, momento favorável às exportações do estado potiguar. Contudo, o Ulrich não conseguiu ver o seu sonho realizar-se: investiu na hora certa, mas, no lugar errado. (GIESBRESHET, 2017, p.22).

Em 1877, a Casa Graff teve suas portas fechadas, não resistiu às secas que assolaram o Nordeste, e Ulrich partiu para o Norte. Foi apenas 28 anos depois que a estrada ferroviária pôde ser inaugurada. A primeira ponte a ser construída na cidade está na figura em destaque: a Ponte Ferroviária de Mossoró, localizada na parte sudoeste da cidade sobre o rio Mossoró.

No ano de 1927, o trecho construído da linha férrea chegava até o distrito de São Sebastião; hoje é a cidade de Governador Dix-Sept Rosado. Lampião, ao chegar nessa localidade, corta os fios do telégrafo para que não haja comunicação com Mossoró. Saqueia alguns armazéns no dia 12 de junho e pega o caminho até Mossoró, seguindo a linha férrea. É também nesse trecho que faz prisioneiro o coronel Antônio Gurgel do Amaral e sua esposa Maria Rosa.

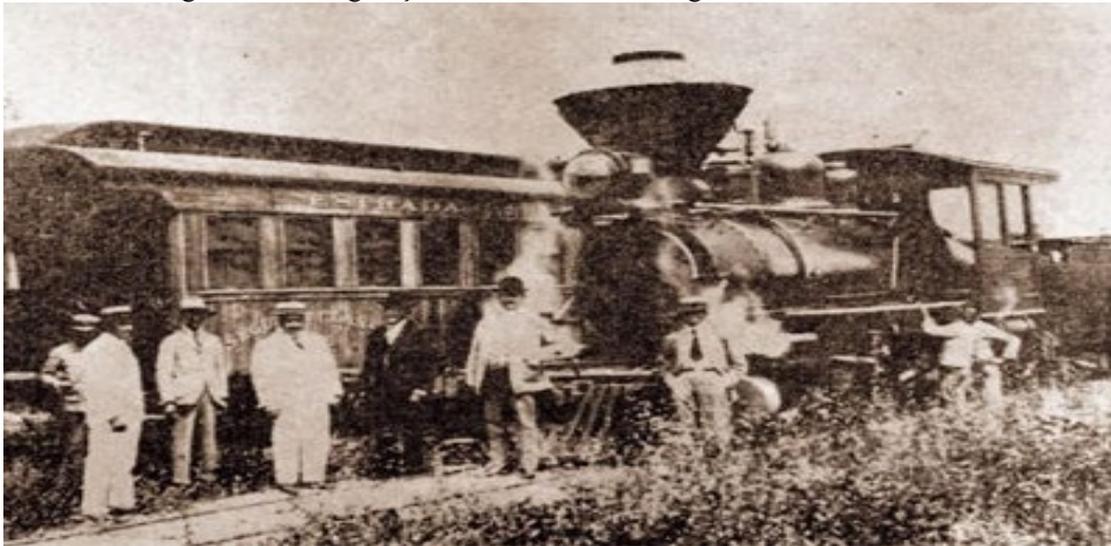
A última reunião antes do ataque acontece embaixo da ponte de ferro. Antes essa localidade era chamada de “saco”. Hoje é o bairro alto da conceição. Nesse local, Lampião organiza a estratégia de dividir o grupo em quatro pequenos subgrupos. Um entraria pelo centro da cidade, enquanto o outro buscaria a casa do prefeito, o terceiro seguiria ao cemitério para dar retaguarda, e o último grupo iria para a estação ferroviária. No entanto, todos esses locais já estavam repletos de moradores armados, que receberam armas da prefeitura e também do próprio Tiro de Guerra, que, desde 1909, já estava recrutando jovens para servir no exército brasileiro.

Figura 14 - Ponte da linha Férrea em Mossoró em 1917 e em 2021.



Fonte: Arquivo do museu Lauro da Escóssia e Arquivo pessoal do autor.

Figura 15 - Inauguração da linha férrea e chegada do trem em 1915.



Fonte: Maia (2012, p 43).

8.2 Igreja de São Vicente

Em 1919, era inaugurada a capela de São Vicente em Mossoró. A ideia de construí-la é de 1915, e a sua obra apenas fora concluída quatro anos depois. Não era uma construção simples e, além disso, na metade daquela década, o Nordeste brasileiro sofria com um período de seca e pouca produção. Pode-se que dizer que a influência da igreja católica foi exercida, pois, em um período tão difícil, as autoridades permitiram e direcionaram mão de obra de pobres flagelados em troca de comida, pouca renda e barracos para a construção desse templo religioso que homenageia Vicente de Paulo, que, dentro do catolicismo, recebe o título de patrono da caridade. Geraldo Maia (2019, p. 15) nos diz que, após o início de sua construção, em outubro daquele ano de 1915, a obra serviu como fonte de trabalho para retirantes que sofriam com a falta de emprego, possibilitando alguma renda: “Apesar da importância desse

alívio econômico, é certo que o marco decisivo na história da capela aconteceria oito anos depois de sua inauguração em julho de 1919”.

Maia está pontuando, ao final do texto citado, a importância que esse monumento teve durante a tentativa de invasão dos cangaceiros a cidade. Episódio lembrado até os dias de hoje nas festividades da cidade e na estrutura física do município (como, por exemplo, o Memorial da Resistência), “em junho de 1927 o grupo cangaceiro de Virgulino Ferreira da Silva, “Lampião”, planejava saquear Mossoró. Contudo, houve resistência na cidade que, inesperadamente, conseguiu ser superior à ofensiva dos cangaceiros” (MAIA, 2019, p.42).

É nesse local que podem ser vistas as marcas do confronto. Na torre da Igreja de São Vicente, os cangaceiros deixam os sinais da violência inquirida naquela tarde pelos dois lados dos grupos em confronto. Certamente, o local de memória que a população de Mossoró logo faz associação com o cangaço é essa Igreja. Maia infere que a resistência da cidade ao grupo de Lampião é ainda motivo de rememoração e orgulho para os mossoroenses e parte dessa história é vivenciada da capela de São Vicente, que serviu como local de entrenchamento para os combatentes de Mossoró.

Localizada na Avenida Alberto Maranhão, uma das principais ruas da cidade, a capela preserva até hoje marcas do conflito de 1927. Vizinha ao Palácio da Resistência, atual sede da Prefeitura Municipal de Mossoró (PMM), a capela de São Vicente é, talvez, um dos prédios históricos em melhor estado de conservação no município. “Sua última reforma foi finalizada no início do ano de 2017, contudo manteve sua estrutura original, incluindo a preservação dos furos das balas dos cangaceiros na torre da capela” (MAIA, 2019, p.8). Assim, ainda é possível afirmar que se trata aqui de uma trincheira estratégica na batalha e resistência aos cangaceiros. A igreja de São Vicente continua como local central na preservação das memórias do cangaço em Mossoró.

Figura 16 - Igreja de São Vicente em 1927 e em 2021.



Fonte: Manuelito e Arquivo Pessoal.

Figura 17 - Marcas dos tiros na torre da Igreja e lateral do templo.



Fonte: Valdecy Alves (2018, p.02)

8.3 Catedral de Santa Luzia

Não há em Mossoró um só vivente, mesmo que não professe como sua religião o catolicismo, que não tenha ouvido pelas ruas da cidade ou no dia 13 dezembro as seguintes frases cantaroladas: *Ó Santa Luzia pedi a Jesus, que sempre nos dê, dos olhos a luz*¹⁷. Durante os treze primeiros dias do mês de dezembro, o centro da cidade se torna uma Meca para a região oeste do Rio Grande do Norte, com muitos visitantes e devotos na cidade, rezas, missas, parque de diversões, barracas de vendas de sovines e comidas, shows folclóricos e profanos. Não é diferente de muitas festas de padroeiros que existem nos interiores do Nordeste do Brasil. Chamam muito a atenção os trajés usados por devotos quando estão a pagar promessas à Santa. Tais práticas, religiosas ou profanas na cidade de Mossoró estão presentes há mais de cem anos e começaram com maior intensidade após meados do século XIX, quando a igreja de Santa Luzia passou a ser paróquia, recebendo seu primeiro Pároco, mais conhecido como vigário Antônio Joaquim.

Pode-se inferir que o crescimento do comércio aumentou a circulação de pessoas à procura de trabalho. Mossoró passa a ser uma esperança para região e, conseqüentemente, as autoridades religiosas que detinham maior parte do poder intelectual na época, sentem-se impulsionadas a aumentar o poder de atuação religiosa da Igreja e dá fé católica, já que estamos em um período em que o catolicismo é tido legalmente como a profissão de fé oficial do Império Brasileiro. A necessidade de aumentar a Igreja tornando-a um monumento imponente é uma das características de demonstração de *status* do poderio religioso.

¹⁷ Refrão do hino oficial da padroeira da cidade.

Figura 18 - Igreja de Santa Luzia em dois momentos distintos. Em 1890 com umas das torres em construção e em 1930 com as torres construídas.



Fonte: Acervo do Museu Lauro da Escóssia.

A importância dessa construção não se dá apenas pelo ponto de vista religioso, mas a mesma está imbricada à cultura da cidade sob vários aspectos. Geograficamente, a Igreja de Santa Luzia é o marco zero da cidade. Foi nesse local que a cidade teve origem. Durante o século XVIII e até a segunda metade do século XIX, os mortos eram enterrados no interior do templo e foi apenas em 1863 que, através de um missionário e frei católico, que o templo deixa de ser local de sepultamento dos cidadãos mortos da vila.

Em Mossoró, a tentativa inicial de construção de um cemitério aconteceu em 1863 com a marcação feita pelo capuchinho Frei Agostinho, no entanto devido a problemas de localização, o Padre Antônio Joaquim Rodrigues² construiu em “1869 um cemitério de madeira, mais acima daquele lugar, em terreno elevado, plano e muito enxuto. (SOUZA, 1995, p.19).

A primitiva capela de Santa Luzia (1772) se tornou a Catedral e sede da Diocese de Mossoró em 1934. Sua importância enquanto monumento que aponta para a memória histórica dos mossoroenses também é reconhecida pelas instituições do estado do Rio Grande do Norte. Com o aumento da população e do movimento diário nos anos que sucederam a construção da capela, as autoridades locais passaram a pleitear a ereção da capela à freguesia.

O primeiro passo para a concretização deste objetivo foi dado em setembro de 1839, com a petição feita pelos mossoroenses ao Bispo de Pernambuco, Dom João da Purificação Marques Perdigão, que naquele ano encontrava-se em Aracati – CE, e cuja resposta orientava que fosse feita a solicitação junto à Assembleia Legislativa da província. O encaminhamento do pleito aos deputados provinciais deu-se através do senhor Antônio Francisco de Fraga

Júnior, em cujo documento percebe-se que a justificativa para a criação da nova paróquia nascia da necessidade de um trabalho evangelizador mais intenso.

O documento, que pode ser lido no livro *Paróquia de Santa Luzia, 150 anos*, de autoria do Mons. Francisco de Sales Cavalcanti, retrata a dificuldade da assistência religiosa, uma vez que a Capela de Santa Luzia pertencia à Freguesia do Apodi. Diante da polêmica criada em torno da criação da nova paróquia, as comissões da Assembleia declararam não ser possível dar parecer sem a decisão do Bispo Diocesano, Dom João da Purificação Marques Perdigão, Bispo de Pernambuco, que deu pleno acordo, no dia 23 de novembro de 1841, para a criação da nova paróquia. Assim,

A Assembleia Provincial deu parecer favorável no dia 10 de outubro de 1842 e, no dia 27 de outubro do mesmo ano, Dom Manoel de Assis Mascarenhas sancionou a Resolução nº 87 criando a Freguesia de Santa Luzia de Mossoró, tendo como administrador provisório o Padre José Antônio Lopes da Silveira. (CASCUDO, 1992. p. 18.)

A escolha do primeiro vigário da Paróquia de Santa Luzia se deu através de um concurso, em que foi escolhido o então diácono Antônio Joaquim Rodrigues¹⁸, cuja posse como Pároco Colado da nova freguesia foi oficializada no ano de 1844, sendo assistido pelos Padres Francisco Longino Guilherme de Melo, Leonardo de Freitas Costa, José Antônio Lopes da Silveira e Florêncio Gomes de Oliveira. No ano de 1852, o povoado de Santa Luzia foi elevado à categoria de vila, com o título de Vila de Mossoró, tendo como limites os mesmos da Freguesia de Santa Luzia de Mossoró e, no dia 9 de novembro de 1870, a Vila de Mossoró passou a ser cidade, tendo como padroeira a Virgem e Mártir Santa Luzia.

Podemos dizer que o dia 13 de dezembro é o Natal dos Mossoroenses. Hoje a cidade, que conta com mais de 300 mil habitantes, já começa a sentir os efeitos da violência e, conseqüentemente, as noites após as novenas não são mais as mesmas de anos atrás. No entanto, o encanto causado pelo espetáculo religioso das missas e procissões e pelos

¹⁸ Antônio Joaquim Rodrigues foi vigário e político em Mossoró. Como vigário, pastoreou Mossoró por 51 anos; como político, foi membro do Partido Conservador, exercendo o cargo de Deputado Provincial por vários mandatos, no período de 1853 a 1873, como representante de Mossoró. Durante esse período, lutou para que o Povoado de Santa Luzia de Mossoró fosse elevada à Vila e depois Cidade. E foi através de um projeto seu que em 9 de novembro de 1870, pela Lei Provincial nº 260, que Mossoró passa a categoria de Cidade. É famosa a frase que ele teria dito quando em regresso a Mossoró de férias legislativas: “Fiz disto aqui uma cidade”. O vigário Antônio Joaquim nasceu em Aracati, no estado do Ceará, em 5 de novembro de 1820, e morreu a 9 de setembro de 1894 (MAIA, 2013).

pagadores de promessas vestidos com a indumentária de Santa Luzia ainda atrai muita gente a Mossoró durante os 13 primeiros dias de dezembro.

8.4 Museu Lauro da Escóssia

Entre os debates mais pertinentes que acontecem nos meios universitários que estudam a História, estão as conceituações sobre *memória e historicidade*. Quando nos debruçamos em uma busca por entender as questões que envolvem a memória cultural e a memória coletiva, na construção do saber histórico, ou da “História oficial”. Na formação de um historiador e na produção de conhecimento sobre história, tais reflexões são extremamente importantes

Ao nos deleitarmos com os textos, vídeos, experiências advindas dos relatos dos colegas, das explanações da professora que fomentava, a cada aula, a ânsia pela pesquisa, vamos, aos poucos, mas de maneira substancial, introjetando na consciência, a compreensão de que o historiador, quando vai ao seu campo de trabalho, seja ele na realidade da pesquisa ou para a sala de aula, tem como seu papel, tornar esse debate acessível aos seus alunos e às futuras gerações. A função do historiador aqui é de fornecer as ferramentas necessárias a fim de que o aluno consiga desenvolver habilidades cognitivas para poder diferenciar o que é memória do que é história, uma vez que os interessados em fazer uma história criteriosa devem obter essas habilidades. Assim, terão a capacidade crítica para enxergar as diferenças, tornando-se capazes de identificar interesses por trás de certas construções da memória.

Pode-se dizer que a “memória não é o mesmo que lembrança”, uma vez que esta remete a uma experiência individual de um acontecimento. Aquela, por sua vez, não é necessariamente uma experiência individual, pois pode reproduzir uma visão do passado compartilhada (coletiva) e que nem todos os membros que partilham dela vivenciaram. Dessa forma, a memória “é uma construção que pode ser transmitida para gerações vindouras” (NORA, 2012, p.9).

Assim, essa falta de embasamento crítico da memória faz com que ela possa ser instrumento para mitificar ou demonizar acontecimentos ou personalidades do passado. Dentro disso, algo comum realizado, partindo da lembrança, é o esquecimento de determinados acontecimentos históricos, uma vez que o que não for interessante na glorificação ou na demonização desses é simplesmente esquecido com o passar dos anos. Pode-se, aqui, ir em busca da compreensão de José D’Assunção, que faz uma reflexão sobre os vários modos de se conceituar a memória, ajudando-nos nessa reflexão:

Memória, na sua designação mais habitual, vulgar e cotidiana, corresponde muito habitualmente a um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, ou aquilo que um indivíduo representa como passado. Considera-se ainda – e sempre é bom frisar que logo estaremos submetendo estas significações de Memória a uma crítica e a uma problematização – que de um ponto de vista biológico a memória humana, seja a “memória recente” ou a chamada “memória permanente” que se localiza no hipocampo, corresponderia a um processo que não permite precisão, uma vez que envolve esquecimentos, distorções, reconstruções, omissões, parcialidades, hesitações. Há ainda uma significação vulgar que remete à Memória a uma categoria estática relacionada à imagem de depósito de dados. A Memória surge então como mera atualização mecânica de vestígios. (BARROS, 2009, p.18).

Levando em consideração o que foi dito sobre a memória, tivemos a oportunidade de participar de momentos em que foram pontuados e oferecidos profícuos aportes para a construção do conhecimento histórico, fazendo-nos seguir um novo caminho inverso daquele tomado pela memória na compreensão do senso comum. Isso porque a história aqui entendida como o resultado do trabalho do historiador, passa por um processo de análise científica extenso, paciente, muitas vezes sofrida para que o resultado seja coerente e equilibrado, respeitando todos aqueles que antes trilharam os rastros da historiografia. Marialva Barboza nos diz que:

Esse processo inclui a análise científica das fontes, o uso de uma metodologia na construção do saber e a apreciação pela qual seu trabalho passa nos meios científico-acadêmicos. Importante pontuar que a memória é objeto de pesquisa do historiador, uma vez que ela pode ser utilizada por esse para análise do processo de construção de determinada memória e dos interesses que estão por trás dela. (BARBOZA, 2010, p. 34).

Ao visitarmos um museu, um mundo novo e ao mesmo tempo muito sobre nós mesmos se descortina diante de nossos sentidos. Toda visitação a esses espaços de memória é parte de uma ação pedagógica, seja ela pessoal ou coletiva. É uma seara de farta colheita, em que os frutos do tempo que foram plantados são degustados na posteridade. Portanto, o museu pode ser visto como espaço de conexão entre ciência, cultura e sociedade, tendo como papel informar e educar por meio de exposições permanentes, atividades recreativas, multimídias, teatro, vídeo e laboratórios. Trata-se de um espaço de despertar a curiosidade, estimulando a reflexão e o debate, promovendo a cidadania, colaborando para a sustentabilidade das transformações culturais estando ao longo do tempo auxiliando para a formação cultural em

nosso país, intensificando saberes inerentes as construções do desenvolvimento humano ao longo do traçado histórico. Local de progresso do patrimônio cultural, de comunicação da sabedoria, preservação da memória, da trajetória histórica, de inovação, comprometendo-se a divulgar e preservar a diversidade. Tornando-se ponto de encontro, instrumento de socialização da consciência religioso, técnica, educacional, étnica, estrutural etc., disponibilizando capacidades de “ver o outro lado da moeda”, participando das transfigurações culturais.

O museu é um espaço de exposição e construção de olhares sobre o passado, ambiente em que “a cultura material¹⁹ é elaborada, apresentada, comunicada, exposta e interpretada onde os objetos expostos em salas e galerias tendem a conservar o passado. No entanto, “os fragmentos do passado não podem ser vistos apenas como peças que reproduzem suas utilidades originais, mas como objetos que devem ser pensados e relacionados criticamente a outros objetos do presente” (MAIA, 2014, p.12).

O Museu Lauro da Escóssia²⁰ foi criado em 1948, a partir da fundação da Biblioteca Municipal, durante a gestão de Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia. Maria Lúcia Escóssia, diretora do museu desde 1984, afirma que o Museu nasceu com a criação da Biblioteca Municipal. O prefeito dessa época era Dix-Sept Rosado, então com a ideia de Dr. Vingt-Un Rosado, irmão de Dix-Sept, criou a biblioteca, que funcionou no ACEU. Então, eles resolveram dividir e criar o Museu, é tanto que o espaço não tem Lei de fundação - o que tem é a Biblioteca. Ele funcionou bem por alguns anos, mas depois as coisas ficaram guardadas durante muito tempo. Em 1976, ele foi reativado e permaneceu na Rua 30 de Setembro sob a direção de Lauro da Escóssia, representando o prefeito João Newton Escóssia. Com a criação do Centro Histórico Cultural Manoel Hemeterio, o referido Museu começou a funcionar nesse local²¹.

¹⁹Cultura material é todo tipo de patrimônio cultural concreto e palpável de um determinado povo — isto é, são todos os elementos tocáveis e que, de certa forma, ajudam a identificar e caracterizar o povoado e história da região. Podemos citar, por exemplo, algumas edificações, galerias de arte, monumentos históricos, igrejas e outros tipos de construções em geral.

²⁰O jornalista Dorian Jorge Freire o considera o maior jornalista da história da imprensa mossoroense: “Lauro foi o maior jornalista que Mossoró já teve, quando o jornal saía era sempre um grande momento, com ele nunca houve censura”. (Jornal O Mossoroense, 1998).

²¹ CASTRO, Maria Lúcia da Escóssia de. 82 anos, diretora do Museu Histórico Lauro da Escóssia, desde 1984. Entrevista realizada no dia 23 de dezembro de 2010 em sua residência localizada no Centro da cidade de Mossoró.

Figura 19 - Prédio do ACEU. Primeiro local onde funcionou o Museu de Mossoró, entre os anos de 1948 a 1977.



Fonte: Acervo do Museu Lauro da Escóssia.

O Final do século XIX, precisamente o ano de 1877, ficou marcado na história da vida nordestina como um ano de grande sofrimento e miséria ocasionados pela seca. Geraldo Maia do Nascimento nos diz que:

[...] foi uma das piores já registradas e seus efeitos foram devastadores. Milhares de sertanejos foram obrigados a abandonar suas terras, fugindo da fome e da seca em busca de salvação. As veredas do sertão se encheram de farrapos humanos que penosamente se arrastavam em busca de centros maiores. Muitos não resistiam à jornada e morriam nas estradas. O carrascal ficou pontilhado de toscas cruces. (NASCIMENTO, 2016, p.64).

Mossoró, por esse período, apresentava-se, do ponto de vista econômico, como a mais próspera cidade do interior do Rio Grande do Norte. O comércio era grandioso para os padrões das cidades nordestinas, que atendia não apenas o oeste potiguar, mas também parte da Paraíba e do Ceará. Por tudo isso, era a cidade mais procurada pelos retirantes. Esse crescimento e a grande movimentação em direção a Natal e à capital do Ceará fez com que, na ótica de Geraldo Maia (2014, p. 36), “de repente a cidade se encheu de uma estranha gente, maltrapilha e esfomeada, implorando migalhas de comida. Já não existia dignidade para aquela gente, que de tudo era capaz para conseguir alimento; até roubar”.

Era necessário manter a integridade e a segurança dos cidadãos dessas paragens e, ao mesmo tempo, diminuir a fome daquela gente imersa na pobreza. Assim, foi criada a Comissão de Socorros Públicos, que tinha como presidente o Juiz Municipal Manuel Hemetério Raposo de Melo. Essa Comissão tinha por objetivo organizar frentes de trabalho que participariam da construção de algumas obras públicas, tendo como único pagamento

ração de rapadura, farinha e bolacha seca. Esse foi o parco alimento que alimentou e salvou a vida de muita gente advinda de toda região. Mesmo assim, o número de mortos foi gigantesco durante esse forte período de estiagem.

Uma das obras realizadas por esses trabalhadores foi o prédio da Cadeia Pública, prédio esse que abrigaria também a Câmara Municipal. Esse prédio teve a sua construção iniciada em 1878, sendo inaugurado em 8 de abril de 1880, quando o administrador de obras Astério de Souza Pinto fez a entrega do prédio ao Coronel Francisco Gurgel de Oliveira, Presidente da Intendência.

Figura 20- Prédio onde funcionou a antiga cadeia pública e Intendência.



Fonte: Acervo do Museu Lauro da Escóssia.

O prédio foi construído em dois andares: no andar térreo tinha porões, celas e alojamentos para o *corpo de guarda*; no andar superior, foi instalada a Câmara Municipal, que inaugurou as novas instalações a 14 de abril do mesmo ano, data essa em que foi realizada a sua primeira sessão.

Segundo o historiador Geraldo Maia, vários acontecimentos históricos, muitos, importantes para a cidade de Mossoró, aconteceram nesse prédio. Os mais significativos e que constam nos anais da cidade, por terem tido impacto na vida estadual e nacional foram: o primeiro voto feminino da América do Sul, a Lei que libertou os negros escravizados no município cinco anos antes da lei áurea, o Motim das mulheres – movimento liderado por Ana Floreano, em que trezentas mulheres se uniram e invadiram o passo municipal, rasgando os documentos de alistamento dos seus filhos que deveriam lutar na guerra do Paraguai. E ainda por ter sido local onde o cangaceiro José Leite Santana ficou aprisionado, após a tentativa de invasão do bando de Lampião à cidade, em junho de 1927. Nesse sentido, dizemos que:

O prédio ficou famoso por ter sido em suas dependências que se realizaram dois dos principais acontecimentos de Mossoró. O primeiro foi quando em 30 de setembro de 1883, a Câmara Municipal realizou a sessão magna da Libertadora Mossoroense, declarando que a partir daquela data o município se achava livre de escravos. O segundo se deu quando nas eleições de abril de 1928, dona Celina Guimarães Viana votou pela primeira vez, constituindo-se na primeira mulher na América do sul a solicitar sua inscrição no Registro Eleitoral, pedido deferido pelo Dr. Israel Ferreira Nunes, em 25 de novembro de 1927. Foi também nesse prédio que foi detido o cangaceiro Jararaca, em 1927, quando do ataque de Lampião à Mossoró. Atualmente o antigo prédio da Cadeia Pública abriga o Museu Histórico “Lauro da Escóssia”. O referido Museu abriga o mais rico acervo da região nos campos da Mineralogia, Paleontologia, História e Arqueologia Indígena, além de variada coleção de peças avulsas que fizeram a história da cidade desde a sua fundação. (NASCIMENTO, 2016, p.72).

Figura 21 - Museu de Mossoró em 2019.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Reinaugurado após doze anos, o museu de Mossoró está de portas abertas. No ano de 2013, foi entregue à comunidade, que vinha fazendo reiteradas cobranças aos órgãos competentes. Tem sido um local de visitação frequente de escolas, grupos diversos, famílias e visitantes, e brevemente fará parte do *Roteiro Turístico do Cangaço em Mossoró*, produto final de nossa pesquisa nessa pós-graduação.

Figura 22 - Máquina de impressão do Jornal O Mossoroense, terceiro mais antigo em circulação do país, e edição do periódico datada de 17/10/1872.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Figura 23 - Celina Guimarães votando e o Cangaceiro “Jararaca” preso antes do interrogatório.



Fonte: Acervo do Museu Lauro da Escóssia.

Entre as várias salas existentes no museu de Mossoró, vale aqui fazer um breve comentário sobre a sala do cangaço. Localizada à direita da entrada principal desse estabelecimento, esta recebe destaque acentuado. Os visitantes se defrontam com esse ambiente logo que chegam ao museu. Trata-se de uma ampla sala, em que estão vários artefatos que fazem parte da indumentária, conhecida socialmente como cangaceira. São vestes, máquinas de costura, exemplares de armas e documentos que trazem a memória do fato acontecido em 13 de junho de 1927. É possível encontrar o bilhete enviado ao prefeito Rodolfo Fernandes pelo próprio Virgulino. Também se encontra nesse ambiente, bem iluminado, a entrevista concedida por Jararaca ao jornalista Lauro da Escóssia.

Figura 24 - Sala do cangaço.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

A memória material de um povo é sua “alma”, no sentido cartesiano, ou seja, o que move o ser para os reflexos cotidianos da vida. Um povo sem memória é uma porção sem vida, sem devir e, portanto, sem futuro. O estudo dos textos nessa disciplina fomenta o impulso necessário para que, a cada dia, os historiadores permaneçam firmes em seus compromissos de cultivar e proteger os museus existentes, promovendo a consciência de que muitos outros museus precisam ser abertos e entregues ao público, levando os sujeitos históricos a entenderem que a memória da coletividade não se sustenta sem a proteção conjunta de suas tradições e culturas.

8.5 Cemitério São Sebastião

Os cemitérios são lugares de encontro com a lembrança daqueles que partiram. De certa forma, esse ambiente traz um preenchimento ao vazio que nos separam. É nesse local que passado e presente se imbricam através de símbolos que tornam visíveis os que morreram. Nessa ótica, mesmo que a morte nos remete “para o não ser, é na memória dos vivos, enquanto imagens suscitadas a partir de traços com referente, que os mortos poderão ter existência (mnésica)” (CATROGA, 1999, p. 14).

Portanto, entre a simbologia existente nesse espaço, o jazigo é uma referência para o trabalho elaborado pela lembrança. O ato de lembrar encontra, no túmulo, delineamento do ausente, e a articulação desse espaço com os outros signos faz do cemitério um lugar propício à memória. A visita ao cemitério é um momento permeado por rito, iniciado com a decisão de querer ir ao “campo santo”, pela demarcação do lugar em que se encontram os que são

denominados de entes queridos e da sensação de uma certa conectividade com estes, mostrando que a função da simbologia fúnebre é a de ser “metáfora do corpo, trabalho imaginário exigido pela recusa da morte e pela conseqüente objetivação dos desejos compensadores de sobrevivência nascidos do facto de a condição humana exigir ontologicamente a assunção de um desejo de eternidade” (CATROGA, 1999, p.15).

Perante as preocupações com os que já morreram e com a morte, tão marcantes no Brasil no século XIX, a construção de cemitérios ganhou importância em determinados lugares. Em Mossoró, houve uma tentativa inicial de construção de um cemitério ocorrida em 1863. Essa marcação foi feita pelo capuchinho Frei Agostinho, mas foi embargada devido a problemas de localização. No entanto, o Padre Antônio Joaquim Rodrigues encabeçou a construção em “1869 de um cemitério de madeira, mais acima daquele lugar, em terreno elevado, plano e muito enxuto” (SOUZA, 1995, p.19). Segundo Francisco Fausto de Souza, em 1873, o Padre Antônio Rodrigues fez uma petição à Câmara Municipal de Mossoró, cujo propósito era a construção de um cemitério mais estruturado (SOUZA, 2010, p.18).

Havia interesse em construir um cemitério que fosse administrado pela paróquia de Santa Luzia ou que fosse gerido por alguma irmandade envolvida aos trabalhos fúnebres, que por ventura se instalasse na cidade demonstrando a preocupação da Igreja em controlar o espaço destinado aos mortos. Nesse sentido, não é de entender como estranho que a construção do cemitério de Mossoró tenha partido do chefe eclesiástico local e que contra essas investidas não tenha ocorrido qualquer movimento contrário à construção da referida obra fúnebre, até porque não existia irmandades ligadas ao trabalho pós-morte na cidade. Então, a participação do pároco na vida política do município contribuiu para justificar a importância do cemitério para a organização social da cidade

“Santa Luzia”, agora Mossoró, no final do século XIX, despontava como uma importante praça de comércio e atraía comerciantes de todo o oeste da Província do Rio Grande do Norte e da Província do Ceará, principalmente de Aracati e de todo o sertão da Paraíba. Esse forte crescimento comercial e da urbanização necessitava de transformações na estrutura da cidade que, junto aos discursos de higienização da época, contribuía, desde o princípio da década de 1870, para organizar o comércio local e reforçar a construção de obras que melhorassem a vida do município, entre elas um lugar que servisse como cemitério. Essa afirmação vai ao encontro do entendimento de José Reginaldo, que afirma que “nesse século, as questões relacionadas ao destino e ao culto aos mortos, passam a ter conotações distintas, a

ponto de o cemitério ser visto como o “lugar de asilo dos mortos” (GONÇALVES, 2014, p. 15).

O cemitério era uma obra que deveria ser erigida de forma rápida, grandiosa e que começava com uma capela. O objetivo principal era manter níveis aceitáveis de saúde pública, coisa que certamente não estava acontecendo na cidade (percebe-se que o presidente provincial tem o cemitério como um espaço de manutenção da higienização do espaço urbano), além de evitar mais rapidamente os enterros fora do cemitério. Como um local de memória pertencente à cidade, o cemitério São Sebastião nos dá a possibilidade de visualizar as fronteiras dos espaços de privilégios, mesmo após a morte, do que era o cemitério no século XIX e suas transformações ao longo do século XX. As margens de seus muros estão os túmulos da elite local do século XIX e início do século XX, estes se apresentam como cartões de visitas para quem logo entra pelo portão central do cemitério. São construções imponentes que demonstram o poder econômico das famílias locais e suas posturas e preocupações diante da morte e logo há uma grande visibilidade desses túmulos. Vemos que,

[...] em seus corredores erguem-se construções fúnebres que unem famílias inteiras e cujo valor simbólico faz do cemitério um espaço onde a memória e a história da sociedade mossoroense aparece na produção de identidades e nas múltiplas fontes que este espaço apresenta sobre os fragmentos do passado. Permeando a produção dessas memórias, encontram-se narrativas que atraem a curiosidade de muitos que circulam em suas alas durante o dia de finados (ARIÈS, 2014, p.15).

Destoando das narrativas triunfalistas que são concretizadas pelos túmulos pertencentes às famílias abastadas da cidade, está a do cangaceiro Jararaca, que é a mais conhecida.

Figura 25 - Cemitério São Sebastião em 1928.



Fonte: Arquivo do Museu Lauro da Escóssia.

Figura 26 - Cemitério São Sebastião em 2021.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Se unindo ao grupo de Lampião, Massilon e Sabino Gomes, o cangaceiro Jararaca que fora batizado na cidade de Buíque com o nome de José Leite Santana no Pernambuco, também era chefe de um pequeno grupo. Como a cidade de Mossoró apresentava características diferentes das outras cidadelas e lugarejos que já tinham sido saqueadas pelo movimento nos sertões, este jovem negro de estatura física mediana é apontado como um dos mais valentes e destemidos entre aqueles que estavam ao lado de lampião desde a fazenda Aurora no vizinho estado do Ceará.

Em 1927, seu nome aparecia com frequência diária nos jornais de Recife. Aos 26 anos, era um homem de estatura física mediana, forte, resistente, ágil, traiçoeiro. O seu comportamento justificava totalmente o apelido que havia recebido no cangaço: Jararaca. A partir de sua entrada para o cangaço, não teve mais contato com sua família, continuou no vilarejo de moderna. (NASCIMENTO, 2016, p. 27)

Em meados de junho de 1927, Jararaca estava em terras próximas à fazenda Ipueira, bem próximo à fazenda Aurora, no estado do Ceará. Ao juntar seu pequeno grupo, une-se a Lampião no intento de invadir Mossoró no plano proposto por Massilon. Mesmo com a fama de homem corajoso que tinha, apresentou temor juntamente com outros por se tratar de Mossoró, uma cidade distante, grande e que, na região, não teria proteção de coiteiros. Mesmo assim, o desejo por chegar ao banco da cidade e ao comércio vultoso foi o que contou para essa tomada de decisão.

Nesse sentido, pode-se dizer que era uma empreitada diferente de todas as outras que havia enfrentado até aquele momento. Não conhecia nada dessa cidade, sabia apenas que era muito grande e que lá tinha muito dinheiro, inclusive uma agência do Banco do Brasil. Sabia também que não podia contar, no Rio Grande do Norte, com ajuda de coiteiros. Nem ele nem

Lampião, ou qualquer outro chefe de subgrupos conhecia o Rio Grande do Norte, com exceção de Massilon.

Diante do exposto, pode ser presumir que Jararaca estava indo de encontro a um grande perigo e de fato se pensou assim, não estava errado. Foi em Mossoró onde esse cangaceiro perdeu sua liberdade após ser ferido, tendo que depor a polícia local, dando entrevista mesmo ferido ao Jornalista Lauro da Escóssia e, posteriormente, sendo traído pela própria polícia local, que lhe tirou de forma cruel a vida.

Figura 27 - - José Leite de Santana “Jararaca”, preso na cadeia de Mossoró.



Fonte: Acervo do Museu Lauro da Escóssia.

Após sua morte, que, na mente de muitos mossoroenses, ficou mal explicada pelas forças policiais, a população começou a fazer peregrinações ao seu túmulo. Além disso, diversos mitos surgem no imaginário coletivo do povo, como, por exemplo, as botijas de ouro que Jararaca teria escondido antes de ser capturado e o suposto arrependimento diante de Deus antes morrer, que parecem fazer a fama de santo intercessor dos pobres do Cangaceiro. E muitas versões da morte do cangaceiro começaram a ser contadas, entre elas, Geraldo Nascimento (2016, p.58) nos diz que “é que quando jogaram o corpo na cova, esta era pequena para o cangaceiro e que imediatamente quebraram suas pernas com picaretas para poder dobrá-las, ao invés de aumentar o tamanho da cova”. Raimundo Nonato, por sua vez, traz pra nós a versão colhida pelo folclorista cearense Leonardo da Mota de minutos antes da Morte de José Leite Santana:

– Uma boca-de-noite, noite de lua, o Jararaca, algemado, foi conduzido da cadeia pro cemitério. Chegando lá rodeado de soldados, mostraram-lhe uma cova, aberta lá num canto, quase fora do “sagrado” e lhe perguntaram se ele sabia pra que era aquilo... Foi quando o Jararaca falou, frocado e destemido: – Saber de certeza não sei, não, mas porém estou calculando... Não é pra mim? Agora, isso só se faz porque eu me vejo nestas cerconstança, com as mãos inquiridas e desarmadas! Um gosto eu não deixo pra vocês: é se gabarem de que eu pedi que não me matassem. Matem! Que matam, mas é um home! Fiquem sabendo que vocês vão matar o home mais valente que já pisou neste... Mas, não teve tempo de acabar de dizer o que queria. Por trás dele, um soldado, naturalmente de combinação com os outros, deu-lhe um tiro de revólver na cabeça. A bala pegou bem no mole do pé do ouvido, lá nele. O Jararaca amunhecou das pernas e caiu, de olho vidrado. Aí, os soldados o empurraram com os pés pra dentro da sepultura. Só demoraram enquanto tiravam os ferros das algemas. Quando o cadáver rolou pra cova, fizeram luz e espiraram: o finado tinha caído de bruços. Mas, ninguém se embarçou com isso: por cima do corpo inda quente, as pás de terra deram serviço... Calou-se o narrador, para dizer, logo mais, entre compadecido e irônico, num misto de piedade e de galhofa. – Coitado do Jararaca! Tão valente na hora da morte, mas foi enterrado dando as costas pra este mundo velho, onde ele fez tanta estrepolia. (NONATO, 2015, p.122).

Figura 28 - “Jararaca” preso e ferido na cadeia pública de Mossoró em 1927.



Fonte: Acervo do Museu Lauro da Escóssia.

Figura 29 - Populares visitando o túmulo de Jararaca em 2020.



Fonte: Jornal de Fato. 02/11/2020

Pensar nas relações do movimento cangaceiro no Nordeste é adentrar nas mais complexas formas de dominação e sofrimento pelos quais a população nordestina vem enfrentando ao longo dos últimos séculos. A invasão de Lampião, Jararaca e outros cangaceiros à cidade Mossoró é mais um elemento repleto de nuances que envolve o poder político, econômico e, posteriormente, religioso. Rui Facó(1972, p. 50) nos diz que o “fanatismo era elemento necessário da solidariedade grupal à reação contra a ordem dominante”. Portanto, esse roteiro das hastes cangaceiras no qual Mossoró se insere faz parte de um contexto geral, que é a formação do povo brasileiro que, às vezes, sofredamente, busca uma identidade e se posiciona contra as elites dominantes.

O que foi narrado a respeito da trajetória de Jararaca e a construção das devoções em torno da imagem desse cangaceiro como milagreiro nos faz pensar o túmulo como espaço simbólico para a produção e a divulgação das memórias sobre Jararaca. Percebe-se que os comentários feitos pelos zeladores de túmulos na ala central do cemitério sobre a história de Jararaca e a localização de seu túmulo são marcantes no dia de finados. É como se esses sujeitos estivessem a serviço da divulgação do túmulo e seus comentários chamam a atenção dos que circulam no cemitério a ponto de muitos, por curiosidade, visitarem o túmulo, que, por sua vez, anuncia o morto.

Como e porque um túmulo tão simples por mais de 90 anos ainda continua sendo o local mais visitado nesse cemitério? O cangaceiro ficou conhecido como valente, e a polícia da cidade de Mossoró ganhou fama de traiçoeira por ter justicado um homem já amarrado e ferido e que não teve direito a ser julgado em um tribunal. Sua cova foi feita nos fundos do cemitério ao lado dos indigentes mortos pelas cruéis secas daquelas décadas, para que fosse enterrado e esquecido, distante dos túmulos das famílias ricas que detinham o monopólio do sal e do algodão. No entanto, a elite mossoroense não percebeu que, ao tentar enterrar a história de Jararaca nos fundos de um cemitério, colocou-o no centro das memórias fúnebres dos retirantes que, sob o sol e o suor, vinham resistindo à fome, à morte e às doenças para construir a cidade de Mossoró. Depois de quase um século desses fatos, o túmulo do líder da resistência, o prefeito Rodolfo Fernandes, está lá, na ala nobre do cemitério; todos passam por ele, mas quase ninguém o vê. E o jazigo do Cangaceiro Jararaca, afastado, simples, quase que invisível, sempre está com velas, flores e lembranças.

8.6 Estação Ferroviária

Na parte deste relatório que apresentamos a linha férrea e a ponte de ferro, que é o primeiro ponto deste roteiro, conseguimos apresentar um relato histórico que entendemos ser importante e que se torna registro. Em consequência disto, faz-se mister comentar um pouco de um dos prédios mais importantes do período difícil das secas entre 1877 e 1920. Estamos falando do prédio da estação ferroviária. Desse local, saiam e chegavam mercadorias do e para o exterior, como também para todo o sertão do Rio Grande do Norte e da Paraíba, além de ter sido umas das trincheiras durante o conflito entre os cangaceiros. Hoje abriga o museu do petróleo e recebeu o nome de Estação das Artes Elizeu Ventania, tornando-se o principal palco das grandes festas juninas na cidade

Figura 30 - Estação Ferroviária de Mossoró em 1932.



Fonte:Manuelito.

Figura 31 - Estação das Artes Elizeu ventania em 2017.



Fonte: Jornal de fato – Acesso em 22/06/2021

8.7 Memorial da resistência

Não se pode dizer que nunca houve ações das autoridades mossoroenses direcionadas à preservação da memória do episódio de 27. E de fato há bastante relatos e material que

corroborar essa tentativa de fazer da cidade um atrativo turístico que atraia visitantes interessados em conhecer melhor a história da cidade que expulsou Lampião. No entanto, não se vê, em local nenhum da cidade, referência aos retirantes das secas, que, como vimos ao longo deste texto, foram quem de fato construiu os principais locais de memória existentes na cidade de Mossoró e que sustentam a cultura e a identidade mossoroense para fora.

Na tentativa de enaltecer a vitória da população sobre os cangaceiros em 1927, a prefeitura constrói, no ano de 2008, o corredor cultural na Avenida Rio Branco. Este é composto por um teatro, uma pequena cidadela que remete às casas e aos casarões de Mossoró entre os séculos XIX e XX e o memorial da resistência. Vemos que,

Existente na cidade de Mossoró que evoca a memória sobre o cangaço e a resistência empreendida pelo povo mossoroense é o Memorial da Resistência, inaugurado no ano de 2008. Como o nome sugere, trata-se de um espaço para resguardar a memória do feito da resistência para as gerações futuras, assim como para conclamar a coragem, fomentando a identidade de um povo valente, aguerrido e vencedor. Salientando, assim, os joguetes que surgem por trás de um edifício, onde sua simbologia está intrinsecamente ligada a um passado histórico que não pode ser esquecido. (TORRES, 2018, p. 11).

Nessa obra, é possível perceber a clara intenção de manutenção de uma permanente ordem para que o visitante veja o quanto a cidade tem orgulho do que fez, de quanto foi valente e resistente. Em muitos locais, se vê a frase: “Mossoró terra da liberdade”. A própria prefeitura é denominada de “Palácio da Resistência”. Não foi apenas um governo municipal que produziu essa tentativa. Há uma intenção permanente das forças políticas e dominantes da cidade de enaltecimento da cidade e do povo a partir da vitória sobre os cangaceiros. Portanto,

[...] o Memorial da Resistência surgiu como um espaço que pudesse transmitir e fazer circular a memória da resistência. Em detrimento do Museu que é um espaço fechado, o memorial seria aberto em um lugar privilegiado onde o turista teria fácil acesso. Assim, sua visibilidade foi pensada para atrair os olhares. O Memorial faz parte, então, de um projeto de urbanização da Prefeitura de Mossoró. Sua localização ficaria no centro da cidade, onde a circulação de visitantes é bem maior. Com isso, este projeto une, na sua essência, os interesses do mercado de eventos e do turismo. Na verdade, o Memorial fazia parte de um plano ambicioso denominado Corredor Cultural que, nas palavras de Marcílio Lima Falcão: Esse espaço (corredor cultural) é composto de diversos equipamentos ao longo da Avenida Rio Branco. A avenida foi, durante os governos Rosalba (1997-2004) e Fafá Rosado (2005-2008), um espaço privilegiado para a urbanização da cidade. Aí, foi utilizado o lugar da antiga Estação Ferroviária para a construção de um espaço que incorporou a Feira do Vuco-Vuco e agregou as chamadas praças de Convivência, Eventos, Esporte e Lazer; o

Teatro Dix-Huit Rosado, a Estação das Artes Elizeu Ventania e o Memorial da Resistência. (TORRES, 2018, p. 15).

As descrições acima nos ajudam a entender que o objetivo da obra é atrair turistas e, conseqüentemente, o aumento da arrecadação de impostos através do comércio. Evidentemente, a memória apresentada que está se tentando reviver não tem a intenção de educar e ensinar sobre a realidade do povo que construiu a cidade de Mossoró. Nesse sentido,

O feito da resistência é retomado e recontado para que através desse se solidificasse o ideário de cidade da resistência, rótulo que perfaz o ideário local e é usado como mercadoria de venda nesta cidade. Percebe-se também o constructo que emana das fotografias e banners que fazem parte da galeria do memorial, onde através dos relatos enunciados nas imagens, os cangaceiros, temidos e odiáveis, não quiseram reconhecer a pujança do povo mossoroense, atacando-os, mas sendo massacrados por uma resistência vivaz. (TORRES, 2018, p. 15).

Destarte, podemos afirmar que as intenções reais do poder público da cidade de Mossoró, estão relacionadas a uma preocupação com a melhoria da economia. E se observa que a grande maioria do povo simples não tem acesso à programação noturna do corredor cultural e gastronômico no entorno do “Memorial da Resistência”. Os preços a serem pagos são para as classes econômicas C, B e A.

Fato corriqueiro e interessante é que entre os painéis gigantes de fotografias no *Memorial da Resistência*, os mais acorridos e disputados para fotografias e lembranças são os dos cangaceiros. Isso nos dá a entender que, mesmo a cidade tentando construir a fama de resistência durante todos esses anos, o visitante quer mesmo é ver as marcas do cangaço na cidade. As perguntas de quem visita são: onde fica a Igreja que tem as marcas dos tiros de Lampião? Onde Fica o túmulo de Jararaca? Onde posso tirar uma foto no painel de Lampião? O porquê dessa procura pode estar na interpretação de Rui Facó, quando nos afirma que o fanatismo, banditismo e o heroísmo precisam ser estudados. Nessa ótica, o *Roteiro Turístico do Cangaço em Mossoró* pode e muito colaborar com essa intenção do visitante.

Figura 32 - Painéis com mais de 3 metros de altura no Memorial da Resistência, onde se retratam Lampião e Curisico.



Fonte: Acervo Pessoal do Autor.

Figura 33 - Praça da Convivência, no Corredor Cultural da Rua Rio Branco, ao lado do memorial da resistência.



Fonte: Karol Moreira, 2018.

Figura 34 - Memorial da Resistência.



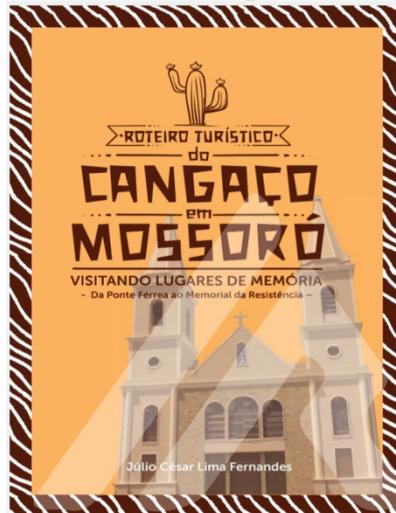
Fonte: Jornal de Fato, 2013.

9 APLICAÇÃO DO PRODUTO

O *Roteiro Turístico do Cangaço em Mossoró* traz para os visitantes que desejam conhecer e entender a possibilidade ampla de uma visita mais elaborada à cidade. Por mais que a história da invasão de Lampião e seu grupo a Mossoró seja bem conhecida superficialmente até em nível nacional, nunca tem passado de pequenas reportagens que evidenciam com triunfalismo a braveza da cidade em expulsar os cangaceiros. Com esse roteiro em mãos, construído a partir desta pesquisa, o visitante fará um caminho pelos lugares de memória intimamente ligados ao cangaço dentro da cidade. O aspecto inovador é apresentado através da proposta de uma rota que agora sai apenas do âmbito do entorno da Igreja de São Vicente e do Memorial da Resistência, bem como por meio da possibilidade de qualquer pessoa acessar o site da prefeitura de Mossoró e fazer o *download* do arquivo que contém o roteiro e imprimi-lo, ou acompanhar o seu conteúdo durante as visitas com um celular.

Outro dado importante de inovação é a presença tão essencial do povo simples, em sua maioria retirantes, que construiu esses locais em período de tanta morte e fome. Esse roteiro pode ser visto como um resgate da presença esquecida desse povo que gerou toda a cidade no século XX. A pesquisa nos fez entender que a cidade de Mossoró é fruto do suor e do sofrimento de milhares de flagelados de todo o Nordeste que aqui geraram, em meio à dor, os seus filhos, que talvez sejam os pais e avós da maioria das pessoas que hoje vive na cidade. Portanto, esse Roteiro é também um convite à população de Mossoró para conhecer a sua História tão pouco contada.

Figura 35 - Capa do roteiro turístico que está disponibilizado no site da prefeitura de Mossoró para *download* e impressão.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 36 - Lampião em Mossoró.



Fonte: João do Juazeiro.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita da História é pura maiêutica (parto) difícil. Em consonância com essa afirmação, podemos muito bem atestar que, neste trabalho, muitos foram os desafios que se apresentaram para se discutir História e Memória.

Nessa ótica, os passos que foram dados e seguidos durante o percurso desta pesquisa trouxeram luz para um olhar que antes não possuíamos para com a História e os fatos relacionados à invasão de Lampião e os cangaceiros à Mossoró. Entendemos agora que essa História tantas vezes verbalizada pelas calçadas da cidade, nas escolas, nos museus e, sobretudo, na ótica da elite dominante da cidade quase nunca é trazida para debaixo dos holofotes do palco dessa História, para os retirantes e flagelados da seca.

São tantas as particularidades indispensáveis nessa grande colcha de retalhos que nos fazem construir muitas perguntas. Parte destas, conseguimos trazer nesta pesquisa para refletirmos e, conseqüentemente, apontarmos possíveis respostas. Como exemplo, temos o porquê de, após mais de nove décadas, o povo simples e sofrido da cidade ainda fazer visita ao túmulo do cangaceiro Jararaca e o porquê de os painéis com as fotos dos cangaceiros no memorial da resistência serem os mais visitados em vez dos painéis dos resistentes e combatentes da cidade.

O povo, sem mesmo ter consciência dos reais motivos de estar em condição de miséria e, sobretudo, de escravidão econômica, vê na revolta do cangaceiro uma semelhança representativa, levando esse personagem controverso a um *status* de herói. Organicamente, os sofridos sertanejos passam a valorizá-lo, na tentativa de proteger essa memória grupal, que em determinado momento teve coragem de desafiar uma conjuntura estatal ou coronelista, que de certa forma é vista e tida como indestrutível. O cangaço em muitos momentos é pensado de forma heróica, como um lampejo de esperança.

Quem estava no cangaço de alguma forma estava revoltado ou se revoltando, e não tinha confiança na justiça estatal. E por mais que se conte e se saiba que muitos cangaceiros usavam do mesmo *modus operandi* dos coronéis e volantes, o povo via naqueles sujeitos uma centelha de resistência. Por isso a figura do cangaceiro é tão controversa, a ponto de alimentar tanto material para discussões e reflexões de tantos historiadores, professores, cordelistas e escritores.

Nessa perspectiva, o presente trabalho buscou trazer rastros de memórias, procurando torná-los fecundos à nossa compreensão. O envolvente esforço de apresentar um roteiro

turístico foi sendo enxertado pela perspicácia da orientação fecunda e dos professores da banca, que nos fizeram entender que sempre há algo a ser contado quando o silêncio dos excluídos da história é percebido.

Ao buscarmos, através de teóricos, memorialistas, contadores, impressos e na arte do cordel, as fontes que alimentaram este trabalho, descobrimos que bem mais que a construção de um *Roteiro Turístico* para os visitantes que desejam ir até Mossoró, esta pesquisa se tornou uma oportunidade ímpar de trazer personagens que estavam escondidos, mas tão presentes que, sem eles a lacuna silenciosa dessa história permaneceria sendo um entrave para a realidade dessas memórias expostas por tantas gerações. A História desse acontecimento tão contado na cidade permanece sem ser plenamente entendida. No entanto, nossa contribuição, com toda a exposição que fizemos, constitui-se em um esforço para trazer personagens e material que antes não eram explorados.

Vale aqui salientar que, sem os retirantes e filhos do sofrimento advindo da cruel seca, não se conceberia um fidedigno relato sobre quem eram os resistentes e como estes se dispuseram a entrar na frente de batalha em junho de 1927. O roteiro está pronto e sabemos que pode ser agora mais uma contribuição ao município de Mossoró. Os sete lugares de memória podem ser visitados e entendidos como espaços públicos e abertos à exploração curiosa e científica. E nos alegra a consciência de ter chegado ao final dessa trajetória com a sensação de que a lacuna ainda continua aberta. Isso porque o ofício que nos propusemos a realizar é sempre incompleto e carente. A História é sempre cabível de mais História.

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Antonio Augusto. **Produzindo o passado:** estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ARAÚJO, Marcos Edilson. Lampião e o cangaço: Trajetórias de vida, histórias como flagelo. **Escritas do Tempo**, Marabá – PA, v. 2, n. 4, p. 108-132, 2020.

ARÉVALO, Márcia Conceição da Massena. Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto. **História Hoje**, São Paulo, v. 3, n.7, s/p., 2005.

BARBOSA, Marialva Carlos. Múltiplas formas de contar História. **Alceu**, São Paulo, v. 10, n.20, p. 25-40, jan./jun. 2010.

BARROS, José. **A fonte histórica e seu lugar de produção**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

BARROS, José. **Fontes históricas – introdução ao seu uso historiográfico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BARROS, José. **Seis desafios para a historiografia no novo milênio**. Petrópolis: Vozes, 2019.

BORGES, Jorge Luís. **História da noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CALIXTO JÚNIOR, João Tavares. **Vida e morte de Isaías Arruda**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2019.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dados adaptados a partir de AHU – RN**, Caixa 10, Doc. 629 (IHGRN - Fundo Sesmarias, Livro V, n 440 fls. 151 – 152). 1978.

CARVALHO, Mary Lúcia Alves de. Contraponto e cangaço. **Contraponto** - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 2, n. 25, p. 28-75, 2015.

CATROGA, Fernando. **O céu da memória:** cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911). Coimbra: Minerva, 1999.

CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. p. 43-69.

CERTEAU, Michael. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2010.

DOSSIÊ, Rio Grande do Norte. **Geografias contemporâneas do Rio Grande do Norte:** diversidades e singularidades do território. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/confins/12385>>. Acesso em: 10 out. 2021.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

FERNANDES, Raul. **Marcha de Lampião à Mossoró.** Coleção Mossoroense. 1988.

FOUCAULT, Michel. **L'ordredudiscours: LeçonprononcéeauCollège de France le 2 décembre 1970.** Paris: Éditions Gallimard, 1971.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 55, p. 211-228, jan-jun. 2015.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Os museus e a cidade. ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (Org.). **Memória e patrimônio: ensaios-contemporâneos.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 171-186.

GONÇALVES, Ana Cecília Teixeira. **O professor de língua portuguesa em formação inicial e suas (re) configurações sobre o trabalho docente.** 266 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

GUINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes.** Companhia de Bolso, 2006.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Ed. SANTOS, 2008.**

IBGE. Censo de 1872. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil (Travels in Brazil).** Tradução e notas de Luiz da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LUSTOSA, Isabel. **De olho em Lampião: violência e esperteza.** São Paulo: Claro Enigma, 2011.

MEDEIROS, Honório. **Lampião em Mossoró: Mossoró.** Coleção Mossoroense. 2013

MELO Frederico Pernambucano. **Benjamin Abrahão: entre anjos e cangaceiros.** Rio de Janeiro. Global Editora, 2018.

MELO Frederico Pernambucano. **Na trilha do cangaço: o sertão que Lampião pisou.** Rio de Janeiro: Global Editora, 2009.

MELO Frederico Pernambucano. **Guerra em Guararapes & outros estudos.** Rio de Janeiro: Global Editora, 1999.

MELO Frederico Pernambucano. **Apagando o Lampião**: vida e morte do rei do cangaço. Rio de Janeiro: Global Editora, 2018.

GIESBRESHET, Ralph Mennucci. **Um dia o trem passou por aqui**. São Paulo: Menucci, 2017.

MONDIM, Batista. **Introdução à Filosofia**. São Paulo: Paulus, 1995.

NASCIMENTO, Geraldo Maia do. **Jararaca**: prisão e morte de um cangaceiro. Um estudo acerca do fenômeno Cangaço. Natal: Sebo Vermelho, 2014.

NONATO, Raimundo. **Lampião em Mossoró**. Natal: Sebo Vermelho, 2012.

NAVARRO, Roberto. **O que foi o cangaço?** Revista Superinteressante. 18 abr. 2011. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-o-cangaco/>>. Acesso em 20 ago. 2021.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História. n. 10. São Paulo: PUC-SP, 1993, p.7-28.

PRATA, Ranulfo. **Lampião**: Documentário. Natal: Sebo Vermelho, 2010.

RUMSEY, David. **Historical Map Collection, 1740**. Disponível em: <<https://www.davidrumsey.com/>>. Acesso em: 11 set. 2021.

ROCHA, Aristotelina Pereira Barreto da. **Expansão urbana de Mossoró**: período de 1980 a 2004. 290 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

ROCHA, Melchiades da. **Bandoleiros das Catingas (1940)**. Rio de Janeiro: Francisco Alves: 1988.

ROSADO, Cid Augusto da Escóssia. **Síntese histórica de O Mossoroense**. Mossoró – RN: Ed. Coleção Mossoroense, 1992.

SANTOS, Robério dos. **Zé Baiano**. São Paulo: Infographics, 2020.

SOUSA, Francisco Fausto de. **História de Mossoró**. Natal: Ed. Universitária, 1979.

VASCONSCÉLOS, Eduardo. **Histórias e contos**. Natal: Sebo Vermelho, 2015.

PAIZANTE, Francisco de Albuquerque. **Vida Cangaceira**. São Paulo: Ed. Universitária, 1999.

ANEXOS



Olá, tudo bem com você? Em suas mãos se encontra um instrumento que serve de auxílio turístico. Trata-se do Roteiro Histórico das Memórias do Cangaço em Mossoró.

Esta cidade, encravada no sertão do Estado do Rio Grande do Norte, têm sua origem no período colonial. Primeiramente foi chamada de Fazenda Santa Luzia. No ano de 1757, o Sargento Mor Antônio de Sousa Machado recebeu da coroa portuguesa a posse dessas terras que estavam nas proximidades da ribeira do rio Mossoró, e em 1772 foi erguida a capela de Santa Luzia no centro do pequeno arraial. O pequeno conglomerado não obteve crescimento significativo até 1877, ano da grande seca que dizimou a vida de milhares de sertanejos que, em busca da sobrevivência, deixaram suas casas e terras em toda região semiárida que compõe o bioma da caatinga.

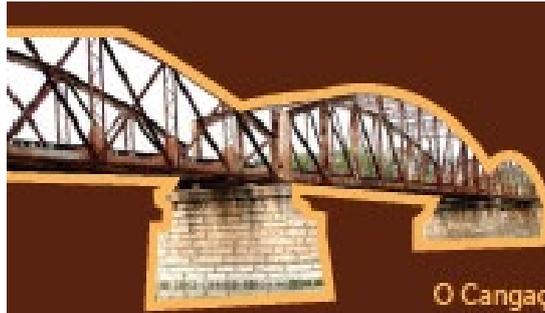
A posição geográfica de Mossoró, próxima à vila de Aracati (Ceará) e entre as cidades de Natal e Fortaleza, colaborou para que o governo imperial usasse a cidade como centro de distribuição de alimentos para os retirantes da seca. Com isso, entre os anos de 1877 a 1920 a população de Mossoró chega a um crescimento de mais de 300%. Esse crescimento baseado na exploração dos flagelados e na oferta de mão de obra análoga à escravidão fez com que a cidade adquirisse o status de capital do oeste potiguar. A circulação de dinheiro na cidade era tão vultosa que no início do século XX foi fundada a agência do banco do Brasil. Essas características da cidade atraíram, segundo a tradição local e escritos, a ação de cangaceiros com a intenção de saquear a cidade. Assim, Mossoró foi o palco de uma grande batalha entre Lampião e seus mais de 70 cangaceiros contra os moradores deste Município. O Fato aconteceu ao final da tarde de 13 de Junho de 1927. A Chuva de balas foi em frente à Igreja de São Vicente!

Pois bem, ao seguir essa rota do cangaço você será surpreendido ao passar por cada local onde aconteceram as tramas, batalhas, tiroteios, mortes, prisões, resistência, entrevistas, traições, assassinatos e sepultamentos.

Seis desses locais de memória foram construídos por retirantes que sofriam com flagelo das secas entre os anos de 1877 a 1920. A cidade e sua história é também fruto do trabalho desses pobres que aqui chegaram, foram explorados pelas elites locais dominantes e mesmo assim, apesar da fome, dores e mortes, tiveram a resiliência e resistência para construir as principais estruturas físicas do município em um momento tão duro e sofrido, muitos recebendo apenas um punhado de farinha ao final do cruel dia de trabalho. Por isso, esse roteiro constitui também uma homenagem à memória dos retirantes das secas que foram essenciais para erguer essa cidade.

Uma boa visita!

Júlio César Lima Fernandes,



Ponte de Ferro em 2021.
Fonte: cenário pessoal do autor.



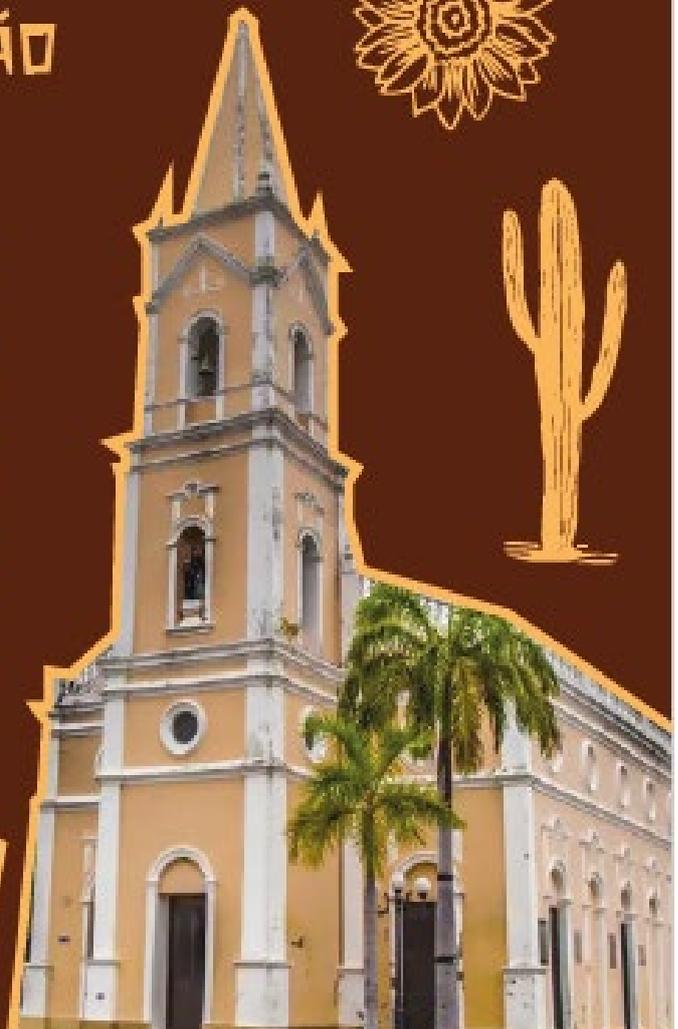
PONTE DE FERRO

O Cangaço no ano de 1927, já era conhecido, temido e combatido pelos governos e coronéis. Porém, o grupo de Virgulino Ferreira da Silva, o famoso Lampião ainda não tinha tido a ousadia de invadir cidades de grande porte. A escolhida foi Mossoró. Na época o município contava com pouco mais de 20 mil habitantes. Já possuía um grande fluxo de comércio, linha férrea e Banco do Brasil.

Após longa viagem à cavalo, na manhã de 13 de Junho, os cangaceiros, entre eles, Sabino Gomes, Jararaca, Colchete, Coqueiro e o próprio Lampião, fazem a famosa reunião estratégica em baixo da ponte de Ferro sobre o rio Mossoró.

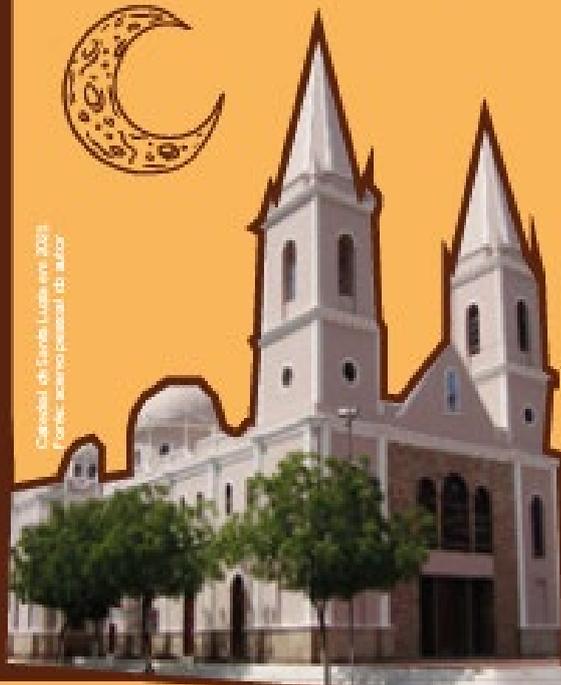
IGREJA DE SÃO VICENTE

Após a resposta negativa do prefeito Rodolfo Fernandes ao pedido de 400 contos de réis para não atacar a cidade, Lampião se organiza e parte para o combate. Só não esperava que os moradores estariam entrincheirados em vários locais da cidade, inclusive nas torres das Igrejas. É justamente em frente a Igreja de São Vicente que acontece a maior batalha. Aqui foi morto o Cangaceiro Colchete e baleado o famoso Jararaca que se arrastando tenta fugir para a linha férrea.



CATEDRAL DE SANTA LUZIA

Na época da invasão, Mossoró ainda não era sede de Diocese, fato que só veio a acontecer em 1934. Portanto, estamos agora na antiga Matriz de Santa Luzia, hoje a catedral da Cidade. Este templo católico teve sua primeira construção em

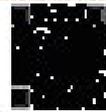


Catedral de Santa Luzia em 2001
Fonte: acervo pessoal do autor

1772. Segundo, a tradição e documentos históricos, é em torno deste local que tem origem a cidade de Mossoró, que à princípio foi denominada de Fazenda Santa Luzia. Há relatos que o corpo do cangaceiro Colchete foi colocado no patamar e teve aqui suas orelhas decepadas e mostradas ao povo como trofeu após a expulsão dos cangaceiros. Isso aconteceu no início da noite de 13 de junho de 1927.

como chegar?

AVENIDA CÂNDIDO DE OLIVEIRA
MUNICÍPIO DE MOSSORÓ



Rua Antônio Gomes S&A - Centro,
Mossoró - RN 59600-000

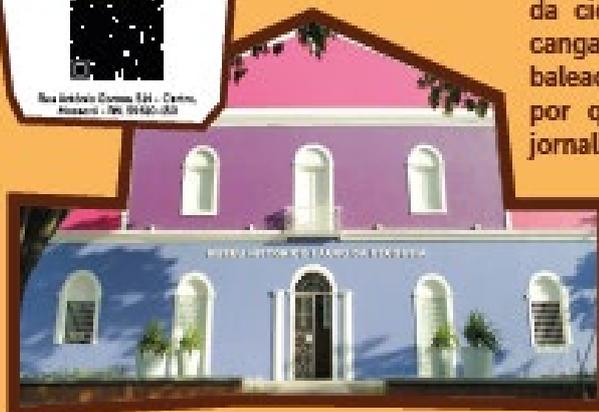
MUSEU LAURO DA ESCÓSSIA

como chegar?

AVENIDA CÂNDIDO DE OLIVEIRA
MUNICÍPIO DE MOSSORÓ



Rua Antônio Gomes S&A - Centro,
Mossoró - RN 59600-000



Plano em 2001
Fonte: acervo pessoal do autor

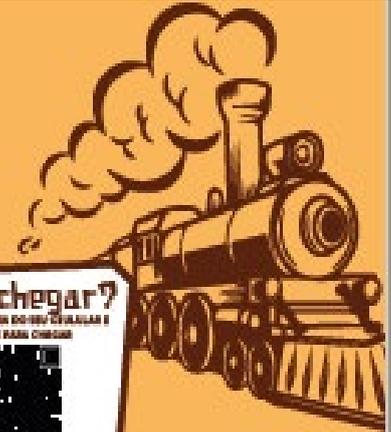
Neste Local funcionava a cadeia pública da cidade e a intendência municipal. O cangaceiro José Leite Santana (Jararaca), baleado, foi aprisionado e aqui foi tratado por quatro dias e foi entrevistado pelo jornalista Lauro da Escóssia. No dia 19 de junho, à noite, foi levado para o cemitério São Sebastião e assassinado pelos policiais.

Neste prédio também aconteceu o primeiro voto feminino da América Latina. Direito exercido em 25 de novembro de 1927 pela professora Celina Guimarães Viana.

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

Inaugurado em 1915, este prédio é a maior expressão de progresso econômico da cidade no período que vai dos anos 20 aos 80 do século XX. Aqui funcionou até meados da década de 80 a Estação Ferroviária de Mossoró. A linha que cruzava o sertão do Rio Grande do Norte ia até a cidade de Sousa na Paraíba. Serviu de trincheira para os resistentes de Mossoró, não deixando que o grupo que estava com Lampião adentrasse ao centro da cidade. Hoje tem o nome de Estação das Artes, e é a principal praça de eventos da cidade, onde acontece um dos maiores festejos Juninos do País.

Estação das Artes em 2021.
Fonte: acervo pessoal do autor



como chegar?

APONTE A CÂMERA DO SEU CELULAR E
BAFEIJE PARA CRIAR

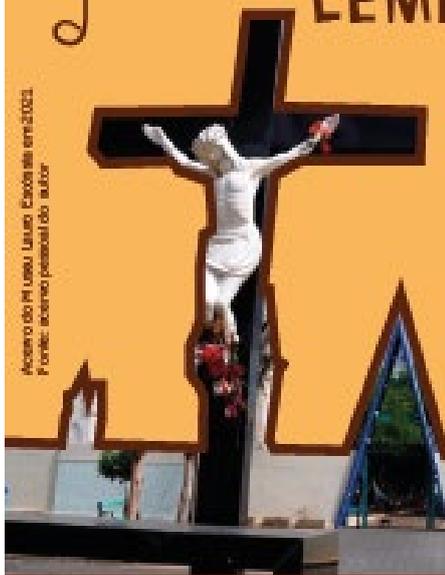


Av. Augusto Franco, 1 Centro (Mossoró)
RN, 59620-000

CEMITÉRIO SÃO SEBASTIÃO

Construído no final do século 19, se constitui em um dos espaços de memória mais importantes da cidade. Aqui é possível encontrar exemplares únicos da arquitetura tumular, onde se percebe o poderio das famílias abastadas do período do apogeu do ciclo do algodão, da cera de carnaúba e da extração de sal marinho. Os túmulos dos cangaceiros Colchete, Asa Branca e Jararaca formam a principal marca do cangaço na cidade. Também é possível fazer uma visita ao jazigo do prefeito Rodolfo Fernandes, líder da resistência em 1927.

Acervo do Museu Luso Brasileiro em 2021.
Fonte: acervo pessoal do autor

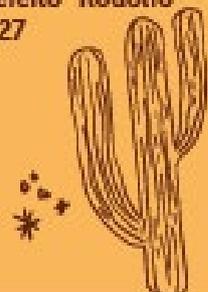


como chegar?

APONTE A CÂMERA DO SEU CELULAR E
BAFEIJE PARA CRIAR



R. João Pessoa, 23 - Duas Águas
Mossoró - RN, 59620-000



MEMORIAL DA RESISTÊNCIA



Memorial da Resistência em 2008. Fonte: Arquivo pessoal do autor.

como chegar?
 APONTE O CÂMBIO DO ESTABULÃO
 INDICADO PARA CHEGAR



Av. Duque de Caxias, 471-550 - Centro
 Mossoró - RN - 59600-100

Inaugurado no ano de 2008, o Memorial da Resistência é um espaço ao ar livre que trás através de painéis gigantes, toda história da invasão dos cangaceiros e da resistência de Mossoró e de seus moradores ao bando. Através de rélicas ampliadas de fotografias, documentos e testemunhos do fato, o visitante faz uma viagem no tempo.





Título: Lempão em Mossoró
Autor: João do Jazeiro

Assim, chegamos ao final do nosso roteiro turístico do cangaço em Mossoró. Se você tem interesse em aprofundar-se acerca do tema, deixo aqui o contato de acesso à pesquisa completa, como também das referências bibliográficas que ampararam esse trabalho.

Este roteiro é fruto da pesquisa de mestrado do autor. Livros, cordéis, documentos, relatos e memórias foram visitados durante o curso no Programa de Pós Graduação em História (PPGH) da Universidade Católica do Pernambuco nos anos 2020/2021. O acesso à pesquisa completa pode ser feito no tede2.unicap.br
Email: julhinholimax@gmail.com

Júlio César Lima Fernandes